

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO II - Nº2
PIRACICABA - 2010

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano II – Nº2
Piracicaba – 2010

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras, fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini, CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781, CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabanadeletras@gmail.com

Blog: academiapiracicabanadeletras.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 - CEP: 13400-183 Piracicaba SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A

13400-120 Piracicaba SP

E-mail: asantos@uol.com.br

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Henrique Carvalho Cocenza

Elias Salum

Gustavo Jacques Dias Alvim

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme

DIAGRAMAÇÃO E ARTE DA CAPA:

Marcel Yamauti

IMPRESSÃO:

Gráfica Printfit

Rua Alferes José Caetano, 706 - Centro

Piracicaba-SP

APRESENTAÇÃO

É com gosto muito especial que mais uma vez atendo ao pedido do meu amigo Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, vice-presidente da Academia Piracicabana de Letras e editor da sua revista, escrevendo algumas palavras para a abertura deste segundo número da nossa publicação.

O lançamento do primeiro número, ocorrido no final de maio de 2010, em memorável sessão da Sociedade Beneficente Sório-Libanesa, revestiu-se de grande brilho. A presença de quase todos os Acadêmicos com suas famílias, assim como de considerável número de pessoas amigas, provenientes de Piracicaba, Rio Claro, Limeira, Pirassununga, Campinas e São Paulo, prestigiou grandemente o evento, que encontrou favorável acolhida em nossa imprensa. O nível das matérias estampadas na Revista foi notado e reconhecido.

Meses depois desse lançamento, continuava ele repercutindo. Não somente nos chegavam elogios e pedidos de exemplares, de vários pontos do Brasil (afinal, é muito grande a “diáspora” de piracicabanos espalhados por todo o país...), como se multiplicavam os convites para participarmos de programas de rádio e televisão, alusivos à APL e a suas atividades, agora retomadas com nova força.

A APL foi, por força de lei municipal, oficialmente integrada à Comissão Municipal para Comemoração de Eventos Cívicos. Dentre os 14 integrantes dessa Comissão, haverá sempre um representante da nossa Academia. No momento, esse representante nomeado é nosso diretor Acadêmico Felisbino de Almeida Leme.

A APL está, pelo segundo ano consecutivo, oficialmente integrada ao Prêmio Escriba de Literatura, cuja comissão organizadora é mais uma vez coordenada pelo mesmo Acadêmico Felisbino de Almeida Leme – por convite da Profa. Rosângela R. Camolese, Secretária Municipal da Ação Cultural – contando este ano com a participação ativa da Acadêmica Mônica Corazza Stefani e dos Acadêmicos Antônio Carlos Fusato e Ar-

mando Alexandre dos Santos. No documento oficial de abertura do Prêmio consta explicitamente que ele é realizado pela Secretaria Municipal da Ação Cultural através da Biblioteca Pública Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, com o apoio da Academia Piracicabana de Letras.

A Academia tem participado ativamente da vida cultural e cívica da Cidade, fazendo-se representar por diretores seus em numerosas atividades públicas. Também fora da Cidade, em eventos de outras entidades análogas, a APL tem sido representada por diretores e associados.

Já está no ar o protótipo do nosso blog (academiapiracicabanadeletras.blogspot.com) – o qual está sendo instalado pelo Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, com a valiosa ajuda da Acadêmica Ivana Maria França de Negri. Nessa iniciativa, a APL seguiu o bom exemplo das entidades irmãs piracicabanas que nos precederam nessa forma de divulgação cultural, o CLIP, o GOLP, o Clube dos Escritores e o Sarau Literário.

No momento a Diretoria está empenhada em reorganizar, do ponto de vista fiscal e institucional, a contabilidade da APL, de modo a esta se tornar quanto antes apta a poder pleitear, dos órgãos públicos competentes, ajuda financeira para suas atividades. A lenta e onipresente burocracia tem tornado essa tarefa mais demorada do que desejaríamos, mas temos a esperança de muito em breve poder dar boas notícias, a esse respeito, a todos os Srs. Acadêmicos. Entre outros, cabe ressaltar o empenho demonstrado, nessa tarefa, pelos Acadêmicos Waldemar Romano e Antônio Carlos Fusatto.

Estamos também empenhados no levantamento de fundos para a indispensável reforma da nossa sede oficial, situada, como é do conhecimento de todos, no andar superior do edifício da Rua do Rosário, 781, onde ocupamos há cerca de 20 anos, a metade dos fundos, da ala esquerda. Essa nossa sede ainda se encontra, por enquanto, em condições de conservação bastante insatisfatórias. Realizamos inicialmente uma completa desinsetização nas suas dependências – medida que se fazia mais urgente. No momento, estamos fazendo o reforço desse procedimento e dando os primeiros passos para uma reforma cabal das instalações – com vistas a podermos logo dar início aos cursos destinados a estudantes e abriremos a sede à frequência do público interessado. Obtivemos a doação de grande número de livros, que enriquecerão a nossa biblioteca. Também está sendo

estudada a colocação de películas especiais nos vidros, para controlar a excessiva entrada de luz no ambiente, devendo logo ser instalada, juntamente com uma nova pintura.

As despesas iniciais dessa fase de revigoração acadêmica foram cobertas graças ao idealismo e generosidade de alguns associados, mas tornou-se indispensável que, na forma do previsto nos estatutos sociais, se passasse a cobrar uma pequena contribuição mensal dos Srs. Acadêmicos. A quantia de R\$ 10,00 por mês, bastante módica, é a que se pediu a todos. Um cobrador devidamente credenciado pela APL vem procurando a cada um dos associados, para lhes solicitar essa contribuição, que desde já agradecemos a todos.

Para substituir o Acadêmico Erasmo Prestes de Sousa, titular da cadeira no. 1 da nossa entidade, cujo falecimento registramos no primeiro número desta Revista, foi indicado, por moção da maioria absoluta dos membros com direito de voto, Mons. Jamil Nassif Abib, justamente respeitado e admirado pelo seu profundo conhecimento da História eclesiástica de Piracicaba e de São Paulo, assim como pelo seu trabalho religioso e social em nossa cidade. Muito espera a Academia de tão ilustre confrade, que passa a fazer parte do Conselho Editorial da Revista da APL.

É com tristeza que noticiamos o falecimento, ocorrido enquanto se ultimava a redação desta revista, do Acadêmico Hugo Pedro Carradore, titular da cadeira no. 32, figura particularmente respeitável entre nós, pelo seu profundo conhecimento histórico e como folclorista. Trata-se de uma grande perda para a Academia e para a sociedade piracicabana em geral.

Este segundo número da Revista da Academia Piracicabana de Letras é, conforme anteriormente anunciado, temático. Nele, cada um dos Acadêmicos está homenageando o seu patrono, na forma como julgou mais conveniente. Estão sendo incluídos todos os trabalhos enviados a tempo e nos parâmetros solicitados em circular enviada a cada um dos Acadêmicos. Como ficou ao critério de cada um a forma de que se revestiu essa homenagem, é muito grande a variedade de estilos e produções, o que realça a fecundidade que, graças a Deus, caracteriza nossa entidade. A impressão deste número somente foi possível graças às generosas doações das empresas Ventura S.A. e Viação Piracema de Transporte Ltda., às quais exprimimos nossos melhores agradecimentos.

A partir do próximo número, deveremos incluir na revista uma seção específica de noticiário, informando a todos os leitores as realizações e trabalhos dos nossos acadêmicos. É justo e, mais do que isso, indispensável, que sejam, dessa forma registrados triunfos de acadêmicos que a todos nos alegram, como por exemplo a recente premiação, em primeiro lugar, da Acadêmica Carla Ceres no 11º. Prêmio Escriba de Poesias.

Pedimos encarecidamente que todos os Acadêmicos mantenham nosso editor informado sobre suas atividades, para que essa seção possa ser bem completa e nenhum mérito deixe de ser devidamente registrado.

Agradecendo de antemão a cooperação de todos, despedimo-nos com nossos cumprimentos cordiais e votos de muita inspiração e fecundidade literária para o próximo número — o terceiro — da nossa Revista.

Atenciosamente,

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Presidente

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ALEXANDRE SARKIS NEDER
Cadeira nº 13 - Patrono: Dario Brasil

24 Horas

(Uma reflexão sobre o tempo – homenagem ao meu patrono, Dario Brasil)

Deitei na cama,
puxei o lençol
e ele rasgou.

Notei que ele estava
por partir,
Mas de tanto sono,
resolvi dormir.

Na outra noite
voltei a deitar na cama.
E novamente trouxe o lençol
até mim.
E, de novo, no mesmo local,
ele rasgou,
mostrando não ter fim.

Descobria então que
24 horas haviam se passado.
Que eu tinha acordado,
mas seguido minha estrada.
Para que o tempo passasse.
E eu voltasse mais rasgado.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira nº 14 - Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

POETA

*Ama o doce perfil do firmamento,
Das estrelas o brilho sedutor.
O rugir das procelas e o lamento
Que a avezinha desfere, ao sol se pôr.*

*Vê na coisa menor um monumento
E se perde em cuidados, todo amor,
Por um ninho, uma folha solta ao vento,
Borboletas azuis, sebes em flor.*

*Extasia-o a visão de um lindo poente,
De uma lua surgindo de repente,
De um riacho entre pedras a correr.*

*Pobre poeta que choras a cantar!
Se conheces tão bem o que é sonhar,
Melhor sabes ainda o que é sofrer.*

Esta é a definição de POETA, transformada em versos pela professora e poetisa Branca Motta de Toledo Sachs. Um soneto decassílabo perfeito, como perfeitos são todos os sonetos de seu livro "Sonetos de Branca", publicado em 1999. No último terceto, ela resume em apenas três versos, toda sua alma de poetisa, pois a maioria de seus poemas expressam um canto triste, um sonho interrompido e um sofrimento inconformado. Após o falecimento de seu querido esposo, o professor Alberto Vollet Sachs, seus sonhos coloridos de poetisa, tornaram-se opacos e a eterna saudade de seu amado foi externada na maioria de seus versos.

Embora nascida em Lorena em 02 de Agosto de 1906, foi uma piracicabana por inteira. De corpo, alma e vida. Pelos relevantes serviços prestados à nossa sociedade, recebeu mercidamente da Câmara Municipal de Piracicaba, o título de Cidadã Piracicabana. Dona Branca, como era popularmente chamada, faleceu em Piracicaba, em 29 de Outubro de 1995.

Além de seu legado literário, Branca Motta de Toledo Sachs deixou-nos uma entidade filantrópica maravilhosa, da qual foi fundadora

e presidente de 1938 a 1995: a ESCOLA DE MÃES DE PIRACICABA. Sua dedicação a tal entidade foi uma semente plantada com muito amor, de tal forma que até hoje os frutos são produzidos proficuamente. O exemplo de sua caridade continua vivo até nossos dias, pois as gestantes carentes recebem, na ESCOLA DE MÃES, orientações pedagógicas, cursos, assistência médica e também enxoval completo para seus bebês.

Sua obra poética revela também o amor à Natureza e à simplicidade da vida. Qual galeria de artes, seu livro expõe belíssimos sonetos, que são verdadeiras telas raras. Preciosas pérolas literárias. Descreve com sensibilidade e sutileza, a chuva, as enxurradas, as trevas da noite, a luz do sol, o arco-íris, o brilho da lua, o outono, a primavera, as sibi-pirunas, os ipês, os pássaros...

Para amenizar seus prantos entre alegrias e seus sofrimentos entre sonhos, literalmente expressos nos versos finais do soneto acima citado, Branca Motta de Toledo Sachs encontrou, sim, um lenitivo: O TRABALHO. Sua dedicação à ESCOLA DE MÃES fez com que ela conseguisse superar a dor e a ausência de seu querido esposo. Fez com que ela operasse o milagre de transformar suas longas noites vazias em belos dias de sol. E esse milagre está descrito em seu livro de sonetos, quando inspiradamente ela compôs:

MINHA VIDA

*Lua branca no céu cor de marfim,
Esparrama luar por toda a terra.
Para os outros, não sei, mas para mim,
Essa pálida luz, mágoas descerra.*

*Os sonhos, a alegria eram meus, sim!
Tinha tudo de bom que a vida encerra.
Porém, como se engana, como se erra,
Pensando que seria sempre assim.*

*Hoje quero viver à luz do dia,
Pois a noite tão longa e tão vazia,
Só me faz não dormir e recordar.*

*Quero achar no trabalho uma guarida,
Fazer dele (trabalho) a minha vida,
Sem que sobre um minuto pra sonhar.*

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO

Cadeira nº 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Meu Patrono

Nélio Ferraz de Arruda, filho de Fernando Ferraz de Arruda Pinto e de Anna Cândida de Mello Ferraz, nasceu em Piracicaba, SP, aos 22 de dezembro de 1915. Fez, inicialmente, o curso primário na Escola Mista da Fazenda Milhã – sob a direção de sua genitora, concluindo-se no Grupo Escolar Modelo, anexo à Escola Normal Oficial de Piracicaba 3^o e 4^o anos).

Continuando seus estudos na Escola Normal, nela completou o curso ginásial e o curso de Formação do Professor, participando neste da “Guerra Alfabetizadora”, organizada pelo Prof. Thales Castanho de Andrade, movimento de caráter regional visando exterminar o analfabetismo. Em 1938 lecionou na Escola Rural da Fazenda Milhã, seguindo, no ano posterior, para Lins, onde, como Oficial do Registro Civil, trabalhou no cartório do seu tio, Dr. Bento Ferraz de Arruda Pinto.

Nessa oportunidade colaborou nos jornais “O Progresso” e a “Folha”, de Lins. Voltando à terra natal, aceitou proposta do Rádio Clube de Piracicaba, ingressando no seu quadro de locutores. Pouco tempo depois se tornava locutor-chefe, diretor artístico, redator, secretário, etc.

Em 1945, após concurso realizado em São Paulo, deixa a PRD-6, já com nova denominação (Rádio Difusora de Piracicaba) e vai lecionar Português no SENAI, na capital.

Com a criação de uma unidade do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, em Piracicaba, transfere-se para esta localidade em fins de 1947. Ainda em São Paulo, participa da fundação de uma associação que congregaria os radialistas do estado. Passa a pertencer às seguintes associações: APISP – Associação dos Profissionais de Imprensa de São Paulo, Associação Paulista de Escritores e, posteriormente, à União Brasileira de Escritores.

Em 06 de outubro de 1963, foi eleito Vice-Prefeito de Pi-

racicaba. Com o falecimento do Prefeito Municipal, Comendador Luciano Guidotti, em 07 de julho de 1968, assumiu a direção do município, cargo que ocupou até 31 de janeiro de 1969, completando assim o mandato.

Participou de cursos de aperfeiçoamento para professores de Português na capital paulista, no Rio de Janeiro e em Campinas, visitando ainda, nesse propósito, várias cidades do norte e nordeste do país. Contratado pelo MEC e CENAFOR, ministrou curso de comunicação para professores e instrutores do ensino profissional, em São Paulo.

Foi membro da Academia Piracicabana de Letras, ocupando a cadeira número 60, cujo patrono foi o Dr. Antônio Pinto de Almeida Ferraz; foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santos. Recebeu a Comenda da Ordem da Solidariedade; diploma e medalha "Marechal Cândido da Silva Rondon", da Sociedade Geográfica Brasileira; diploma e medalha "Prof. Thales Castanho de Andrade"; diploma e medalha "Honra ao Mérito", da Prefeitura Municipal de Piracicaba (Bicentenário da cidade); medalha de "Honra ao Mérito", do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo; medalha de "Honra ao Mérito", do SENAI. Homenageado com cartões de prata, também por serviços prestados, pelas seguintes entidades: Liga Piracicabana de Futebol; Comissão Municipal de Esportes; Centro Rural de Tanquinho; Casa Transitória "Cesário Mota Filho", de Piracicaba; Escola Técnica de Comércio do Instituto Educacional "O Piracicabano"; Escola Normal e Colégio Assunção de Piracicaba; Prefeitura Municipal de Rio das Pedras; Associação dos Funcionários Municipais de Piracicaba, etc. Recebeu ainda certificado do "Curso de Métodos Ativos Aplicados no Ensino de Português", do Centro de Educação Técnica de São Paulo; Certificado da Fundação Centro Nacional de Aperfeiçoamento do Pessoal para a Formação Profissional, do curso sobre "Planejamento de Ensino e Utilização de Novo Material Didático"; diploma do 1º Ciclo de palestras da Associação Paulista de Municípios; Certificado de conclusão de curso sobre "A Propriedade Industrial", e "A Empresa e a Sociedade", do Instituto de Pesquisas e Estudos Jurídicos, curso esse ministrado pelo Prof. Remo Franceschelli, Catedrático de Direito Comercial da Faculdade de Direito da Universidade de Milão, Itália; Certificado do Curso Extra-Curricular sobre "O Novo Direito Comercial e o Ante-Projeto do Código Civil", prelecionado pelo

Prof. Waldírio Bulgarelli, da Faculdade de Direito de São Carlos; Certificado de Aproveitamento do Curso de Folclore, ministrado pelo Dr. João Chiarini, com a colaboração do Prof. Hugo Pedro Carradore, promovido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Estado de São Paulo, Comissão estadual de Folclore e Artesanato e Centro de Folclore de Piracicaba.

Pronunciou várias palestras em estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, em clubes de serviço, associações de classe e entidades oficiais da Capital do Estado de São Paulo e do interior. Pertenceu ao Rotary Club “Cidade Alta”, do Distrito 462. Publicou trabalhos em jornais e revistas de Piracicaba, São Paulo, Campinas, etc.

Bacharel em Ciências Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Carlos, do Instituto Paulista de Ensino Superior Unificado, diplomou-se na Turma “Presidente Médici”.

Casado com a Prof^a. Nilde Freidemberg Ferraz de Arruda, tiveram dois filhos: Dra. Neliane Ferraz de Arruda Silveira, pesquisadora científica do Itai (Instituto Tecnológico de Alimentos, em Campinas), casada com o Dr. Expedito Tadeu Facco Silveira; e Engenheiro-Civil Nilson Ferraz de Arruda, empresário e construtor, ex-presidente da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Piracicaba e inspetor-chefe do CREA-SP, casado com a Sra. Vera Lúcia Durrer, servidora da ESALQ/USP, Piracicaba, SP.

Com a reestruturação e adequação da APL – Academia Piracicabana de Letras, em 2009, para atender à Legislação vigente, o Prof. Nélio foi indicado pelo Acadêmico Antonio Carlos Fusatto, para ser patrono de sua cadeira, de número 6.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS NEDER
Cadeira nº 15 - Patrono: Archimedes Dutra

Formar e prestar serviços

“Este trabalho é dedicado ao meu querido patrono, Professor Universitário, Doutor em Artes Plásticas, e que sempre se preocupou com a educação e cultura e imprimindo sua maravilhosa espiritualidade em todos nós”.

É oportuno, neste momento em que se processa a reordenação da economia brasileira, esteja reativado o debate sobre o papel da Universidade, no que tange à retomada do desenvolvimento. É preciso lembrar que a oferta de bens e serviços à população, em quantidade e qualidade adequadas, que depende, não só da disponibilidade de capital, mão de obra e matéria-prima, mas também do conhecimento científico-tecnológico, tem sido, teimosamente ignorada pelos nossos planejadores.

Isto explica em parte a penúria em que se encontra o nosso embrionário sistema da ciência e tecnologia, que tem como peça principal a Universidade.

Os conhecimentos científicos, básicos e aplicados, ontem desenvolvidos nas Universidades, constituem os alicerces da tecnologia de hoje, responsável direto pelo bem estar material da sociedade moderna.

De forma imprevidente, o modelo econômico que norteou o país nas últimas décadas prescindiu da competência nacional, importando maciçamente tecnologia para viabilizar o crescimento rápido, sem, concomitantemente, montar uma estrutura de geração de conhecimentos científicos técnicos, ágil e eficiente. Como resultado, temos o atual estado de vulnerabilidade tecnológica em que se encontra o país.

A indústria e agricultura brasileira que indubitavelmente atingiram a maturidade na produção, ainda não dominam o conhecimento que manipulam, detido, em grande parte, pelos fornece-

dores da tecnologia. Esta situação é no mínimo inconveniente para uma estrutura produtiva que necessita crescer e ser modernizada para eliminar as carências materiais da população.

Felizmente, firma-se cada vez mais na sociedade brasileira a consciência de que o desenvolvimento integral voltado para os reais interesses da nação exige a ampliação de nosso grau de autonomia tecnológica. O impacto da introdução de novas tecnologias no setor de produção fruto de conhecimentos científicos, relativamente, recente da nanotecnologia, biotecnologia e de novos materiais, exige que países como o Brasil, que aspiram deter autonomia em suas decisões, aproveitem e valorizem não só suas matérias-primas, mas também identifiquem, nas suas tecnologias, os nichos onde a capacidade científica e tecnológica nacional possa ser exercitada com maior rendimento.

A recuperação do atraso tecnológico, e o ganho de autonomia, só serão possíveis, no entanto, através de investimentos maciços da educação, na pesquisa e desenvolvimento, da estreita sintonia entre os três principais protagonistas do processo: o governo, o setor de produção e a Universidade.

A alocação de recursos de ciência e tecnologia, por parte do governo e das empresas, é uma decisão de natureza política e, por isso mesmo, sujeita às mais variadas injunções. O problema, realmente, não é a disponibilidade de recursos e, sim, vontade e capacidade e outras condições favoráveis para decidir. O governo federal e o estadual já têm recentemente dado mostras corretas de empenho na promoção do desenvolvimento educacional e de pesquisa científica. O orçamento do MEC e o orçamento substancial da dotação do Tesouro Paulista para a Fundação de Amparo à Pesquisa, bem como a recuperação parcial dos salários das Universidades são demonstrações firmes, embora, ao nosso ver, tímidas, na direção da eliminação das perdas sofridas pelo sistema de ciências e tecnologias nos últimos governos. As perdas foram de tal forma que quase comprometeram a sobrevivência da Pesquisa e do Ensino Universitários em nosso país.

Cada vez mais consciente da sua vulnerabilidade tecnológica, o setor de produção brasileiro já dá os primeiros passos na direção da autonomia. O número de centros de pesquisa e desenvolvimento industrial e agrícola nos setores privado e estatal tem crescido em número e qualidade nos últimos anos, empregando mais cientis-

tas e tecnólogos de alto nível. O avanço brasileiro nas áreas das indústrias aeronáuticas, de telecomunicações e de agricultura em geral só foram possíveis pela existência de uma sólida estrutura de pesquisa e desenvolvimento na retaguarda onde também incluiu a Universidade.

As três funções básicas da Universidade, nunca é demais repetir, são: formar pessoal, gerar conhecimento de qualidade e prestar serviços à comunidade. Em um país como o nosso, no entanto, com problemas sociais seríssimos a resolver, a Universidade tem que se envolver necessariamente com o Brasil real, nas suas mais variadas facetas, prestando sua colaboração. Infelizmente a estrutura da Universidade atual, implantada em um contexto de crescimento rápido, sem muita reflexão, impede experimentação avançada em ensino e encara com desconfiança a interação mais íntima e comprometedora em termos profissionais, com as forças produtivas da sociedade.

Modificações estruturais são necessárias para abrir a Universidade ao país, mesmo em instituições jovens como a Unicamp, que tem se destacado com a flexibilidade na interação externa.

O processo de formação da competência nacional, científica ou tecnológica envolve necessariamente a Universidade, onde é educado o profissional de alto nível. Esta compreensão deve em curto prazo traduzir-se em apoio efetivo, seja financeiro, seja político, às atividades universitárias para eliminar as distorções existentes. Com competência nacional, temos condições de viabilizar o país. Afinal, quem não tem competência não se estabelece, como diz o ditado.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO HENRIQUE CARVALHO COCENZA

Cadeira nº 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

O meu patrono na APL:

Haldumont Nobre Ferraz (o “Tiquinho”)

A Academia Piracicabana de Letras foi fundada em 11 de março de 1972, sob a inspiração e insano trabalho do Prof. João Chiarini, que foi seu primeiro Presidente. Era folclorista de nomeada, historiador, poeta, crítico de arte, jornalista e palestrista, mormente pelo seu estilo deveras singular de oratória. Faleceu em 2 de dezembro de 1988, e seu Vice-Presidente, Haldumont Nobre Ferraz, substituiu-o até 14 de outubro de 1989, quando houve eleições, tendo vencido o Dr. Miguel Ângelo Ciavarelli Nogueira dos Santos, Promotor de Justiça na Comarca. Posteriormente a ele, eu assumi a Presidência, ocasião em que, por uma série de motivos, a APL não teve uma participação mais destacada nas letras piracicabanas, mas, mesmo assim, contribuiu para a divulgação da prosa e da poesia em Piracicaba, promovendo o lançamento de diversos livros, ou por sua conta, ou em parceria com outras entidades, até mesmo com os próprios autores.

Haldumont Nobre Ferraz, o queridíssimo “Tiquinho”, nasceu em Piracicaba, aos 2/12/1927, e fez um pouco de tudo em sua cidade natal. Fez o curso de Segurança Nacional, e Desenvolvimento e Extensão Universitária de Engenharia, no Exército. Fez Chefia de Liderança e Assuntos Municipais. Foi analista de Açúcar e Álcool, gerente de vendas, distribuidor de produtos de carne, fundou uma indústria de plástico, foi Oficial de Gabinete da Prefeitura Municipal e do SEMAE. Fundou sindicatos e várias obras de Assistência Social. Foi membro da Associação dos Ex-Vereadores.

Seu pai era o conhecido farmacêutico Haldumont Campos Ferraz, e ele praticamente começou sua vida profissional acompa-

nhando o pai na farmácia, depois dedicando-se a outras atividades em benefício de sua querida Piracicaba. Participou da fundação da 1ª. Capela de Nossa Senhora Aparecida, no bairro do Piracicamirim, e da fundação do Sindicato dos Empregados do Comércio de Piracicaba, na década de 60.

Escreveu vários artigos em nossos jornais, tendo como tema a Genealogia e Linhagem Familiar. É autor de vários livros, dos quais se destacam: “Paulista, Graças a Deus” e “As Primeiras Mães Brasileiras”.

Sua vida foi um dedicar insano às coisas de sua cidade, tendo participado como membro executivo das Comissões de Jogos Infantis, de Ornamentação e Festejos Natalinos, de Ornamentos de Ruas e Festejos Carnavalescos. Promoveu os Jogos Regionais, o concurso de Miss Piracicaba, organizou a Exposição de Fotografia do Brasil, As Mil Maravilhas do Mundo, a Feira Agro-Industrial de Tietê e centenas de outras promoções que visavam a elevar o nome de Piracicaba a todas as regiões brasileiras.

Pela sua enorme e valiosa atuação nos mais diversos setores da vida intelectual e artística de Piracicaba, recebeu dezenas de prêmios: Medalha do Bicentenário de Piracicaba (1969), Colar Pedro Taques (1986), Medalha Marechal Cândido da Silva Rondon, Cruz de João Ramalho, (1989), Prêmio Clio da História (1987), Diploma de Cidadão Prestante ((1986), Diploma da 1ª. Exposição Nacional dos Municípios, do Movimento Sindical Democrático do Estado de São Paulo, Preito de Gratidão e Respeito (1984). E muitos outros que não cabem neste curto espaço.

Foi membro da Academia Paulistana de História, titular da cadeira nº 1 da Ordem Nacional do Bandeirantes – Mater, da Ordem Nacional dos Escritores, do Instituto Genealógico Brasileiro, da Sociedade Geográfica Brasileira, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, do Clube dos Escritores Piracicaba etc. Uma de suas últimas atuações foi fazer da comissão de implantação da Semana Erothides de Campos, por ocasião de seu centenário, em 9 de outubro de 1997, bem como da organização dos festejos.

Paulo Bassetti, dos últimos Presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, o considerava “uma referência”. A historiadora Marly Therezinha Germano Percin disse que, com a morte de Haldumont Nobre Ferraz, “a cidade perdeu um de seus principais benfeitores”. Enfim, com sua morte, Piracicaba perdeu

uma parte de sua vida.

Com a última reforma da Academia Piracicabana de Letras, após sua morte, escolhi-o como meu Patrono, não só pelas suas atividades em prol de nossa querida Piracicaba, mas pela grande amizade que sempre nos uniu!

Foi casado com a Sra. Irene Carlet, com quem teve vários filhos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira n° 10 - Patrono: Brasília Machado

Brasília Machado - apontamentos para uma biografia

Quando, na recente reestruturação da Academia Piracicabana de Letras, pediram-me que escolhesse um patrono, numa lista de 40 ilustres personalidades do passado da “Noiva da Colina”, não hesitei: logo optei por Brasília Machado.

Ligava-me a ele uma antiga simpatia, vinda de quando, há mais de 30 anos, lera sua biografia, escrita pelo filho, José de Alcântara Machado de Oliveira⁽¹⁾. Recordava sua condição de católico militante e bem conhecido, sem carolice mas também sem respeito humano; sua fidelidade aos ideais monárquicos, que conservou até à morte, sem adesismos nem oportunismos; sua alta cultura, seu talento polimórfico como poeta, orador, jurista, professor, educador; sua integridade moral e sua respeitabilidade, reconhecidas publicamente e admiradas até por adversários políticos.

Nos últimos dois anos, fui retornando ao personagem, relendo livros de há muito guardados nas estantes, procurando dados novos. E, cada vez mais, a figura de Brasília Machado se foi agigantando aos meus olhos.

A dificuldade que sinto, no momento, para fazer aqui, nos limites desta revista temática, o elogio de meu patrono é resumir, nas poucas páginas disponíveis nesta revista, tantos e tantos aspectos de sua personalidade rica e sugestiva.

Tentarei hoje apresentar uma visão geral do personagem⁽²⁾,

1 *Brasília Machado (1848-1919)*, Livraria José Olympio Editora, Rio, 1937.

2 Nós nos louvamos, para a redação deste trabalho, na referida biografia de Brasília Machado escrita por seu filho, e também em Pelágio Lôbo, *Recordações das Arcadas*, Reitoria da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1953, pp. 83-

para depois, em números sucessivos desta nossa revista, ir desenvolvendo, com mais profundidade, alguns outros aspectos particulares dele, de modo a que sucessivas colaborações possam constituir, no seu conjunto, uma tentativa de retrato moral e intelectual de Brasília Machado. Um retrato não esquematicamente planejado e delineado, mas, pelo contrário, um tanto impressionista, constituído por abordagens diversificadas do tema, para que cada um dos “meus raros e fugazes leitores” (expressão tão cara ao querido Mestre Cozenza!) possa ir, por si mesmo, formando, no seu espírito, uma ideia mais abrangente de quem foi e do que significou – para o Brasil, para São Paulo, para Piracicaba – Brasília Machado.

Na realidade, Brasília não era piracicabano. Era paulistano e em sua cidade natal passou a maior parte da vida e ali mesmo morreu. Em Piracicaba esteve apenas cerca de três anos, quando, ainda jovem, aqui desempenhou as funções de promotor público. Mas esse breve período foi o suficiente para ele marcar definitivamente a cidade.

Foi ele quem, apaixonado pelas belezas naturais da urbe ribeirinha e extasiado diante do espetáculo da sua colina central, vista à distância como uma cabeça, tendo a névoa matinal do rio se prolongando à maneira de um véu, escreveu em *Madressilvas*, seu primeiro livro, o poema Piracicaba, em versos alexandrinos, o qual assim se inicia:

*“Sacode os ombros nus, ó noiva da colina,
Que a luz da madrugada encheu o largo céu
E arranca-te das mãos o manto da neblina
Que ondula sobre o rio, enorme e solto o véu.”*

93, 175-185 e 249-266; Spencer Vampré, *Memórias para a História da Academia de São Paulo*, Instituto Nacional do Livro/Conselho Federal da Cultura, 2ª edição, volume II, pp. 302-307, 329, 400 et passim; Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, *Os 40 Fundadores da Academia – O primeiro Presidente, Brasília Machado*, in Revista da Academia Paulista de Letras, ano XXVI, n. 74, 27 de novembro de 1969, São Paulo, pp. 25-37; Samuel Pfromm Netto, *Dicionário de Piracicabanos* (obra ainda inédita, consultada, com licença do autor, na versão *pro manuscripto*); e Cecílio Elias Netto, *Memorial de Piracicaba – Almanaque 2002-2003*, fascículo 2, junho de 2002, p. 42; fascículo 11, março de 2003, p. 254; e fascículo 17, setembro de 2003, p. 400.

Não permite o espaço disponível nesta revista transcrever na íntegra, como desejaria, esse poema. Limito-me, pois, a reproduzir os seus quartetos finais:

*“E tu, formosa índia, em pé sobre a colina,
Sentes da onda azul o lânguido bater,
Enquanto sob o véu da trêmula neblina
Ruge a cascata além, sem vir interromper.*

*Sem vir interromper a paz em que te embalas,
O amor, a luz, a graça — adornos que são teus!
Cercou-te o Criador de peregrinas galas.
Deu-te uma terra em flor, cheios de luz os céus.*

*Deu-te o horizonte azul que tem minha terra,
Minha terra natal, meu ninho encantador.
Só a c’roa não tens dessa saudosa serra
Que cerca em meu país a várzea toda em flor.*

*A tua noite envolve as mesmas estrelinhas,
A mesma poesia, a mesma luz divina;
Como lá, eu bem sei, o bando de andorinhas
Aqui recorta o céu, na hora vespertina!*

*Deixa-me, pois, que eu sonhe, ao ver-te reclinada,
Banhando os alvos pés, no rio n’onda azul,
Que eu sonhe a minha terra, a pérola dourada,
Suspensa longe, longe, entre as névoas do Sul!”*

Desse poema, que as gerações mais antigas aprendiam de cor, tirou a cidade o seu expressivo cognome, de Noiva da Colina. E, também, a expressão “véu da noiva” aqui passou a ser usada, hoje geralmente (e erradamente) aplicada à queda d’água artificial do la-drão do Engenho.

No período que aqui esteve fundou Brasília o jornal “Piracibaca” (1876), o primeiro da cidade que então ainda tinha seu velho nome Constituição. Aqui travou amizade — e também travou, no foro, debates acalorados — com Prudente José de Moraes Barros, de quem o separavam opiniões políticas que em nada impediam a amizade e o respeito mútuos.

Aqui nasceu seu filho primogênito, o já citado José de Alcân-

tara Machado de Oliveira, que foi o mais jovem professor de toda a história da Faculdade de Direito de São Paulo³) e foi também o pai de Antonio de Alcântara Machado, o contista precocemente falecido, autor de *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

Brasílio Augusto Machado de Oliveira nasceu, como ficou dito, na capital paulista, a 4 de setembro de 1848, filho do militar, político, diplomata e historiador brigadeiro José Joaquim Machado de Oliveira, natural de São Paulo, e de d. Leocádia Tomásia de Lima, proveniente do Rio Grande do Sul.

Embora descendente de prestigiosos troncos paulistas⁴) e filho de um respeitado homem público, não se pode dizer que fosse abastada sua família. Pode-se, mesmo, dizer que começou a vida modestamente.

Fez seus estudos em São Paulo, em parte no Seminário Episcopal, fundado pelo Bispo D. Antonio Joaquim de Mello, ali adquirindo sólida formação religiosa católica, a qual nunca abandonou. Formou-se em 1872, na Academia de Direito do Largo de São Francisco, fazendo parte de uma turma que marcou época. Foram seus contemporâneos, se bem que não companheiros de turma, entre outros, Ruy Barbosa e Castro Alves. O estilo condoreiro deste último influenciou muito o jovem Brasílio, cujos primeiros poemas são fortemente marcados pelo estilo do colega baiano.

Concluído o curso, Brasílio veio para Constituição, atual Piracicaba, e aqui exerceu a promotoria pública, a par de fecunda atividade jornalística. Filiou-se ao Partido Liberal, um dos dois grandes que, ao longo de todo o segundo reinado, disputaram o predomínio político do Império. Aliou-se desde cedo, por razões ideológicas e até religiosas, à causa do Abolicionismo.

Como promotor, teve atuação breve. Parecia não se sentir

3 "O record da mocidade, na época, da nomeação para lente da Faculdade de São Paulo, que pertenceu por longos anos a Francisco Bernardino Ribeiro (o famoso "Mestrinho"), cabe hoje ao dr. Alcântara Machado, nascido a 19 de outubro de 1875, e que, em seguida a dois concursos, foi nomeado lente substituto de Medicina Pública, por Decreto de 1895, contando, portanto, menos de 20 anos, ou, exatamente, 19 anos, 10 meses e 15 dias" (Almeida Nogueira, *A Academia de São Paulo - Tradições e Reminiscências*, Saraiva, 3a. edição, 1977, vol. 1, p. 254).

4 A ascendência dos Machado de Oliveira pode ser encontrada em Silva Leme, *Genealogia Paulistana*, vol. 8º., título Oliveiras.

bem à vontade nessas funções. Sua propensão, nas lides forenses, ia mais para a advocacia de defesa. No Império, como é bem sabido, a instituição do Júri não se limitava, como atualmente, ao julgamento de crimes contra a vida, mas se estendia a numerosos outros casos. As sessões de júri eram, assim, muito frequentes e absorviam grande parte da capacidade de um profissional das leis. A capacidade oratória e retórica do advogado, como também do promotor, era, pois, colocada em prova a todo momento. E Brasília, com seu talento de orador primoroso, logo se destacou nessa arena.

Seus discursos eram feitos à moda do tempo, ao gosto da época. Nada mais diferente do costumamos fazer em nossos dias... Hoje, o orador deve dar um tom coloquial e natural à sua fala, como que conversando com cada um dos jurados. Na época, o que se fazia era um discurso solene, grandiloquente, cheio de beleza literária, de tropos, de figuras de linguagem.

Quanto mais apóstrofes, objurgatórias, prolépses, antíteses e paralelos fizesse o orador, envolvendo, claro, sua argumentação cerrada pelo libelo acusatório ou em defesa do réu, tanto mais impressionava os jurados e obtinha sucesso na causa. Na época, a retórica (entendendo-se como tal a ciência ou técnica de convencer o ouvinte) quase se confundia com a oratória (arte de bem falar). Quem não soubesse “falar bonito” não tinha vez nos tribunais.

A palavra fácil, as frases bem articuladas e torneadas, o vocabulário abundante e escolhido com propriedade, algumas citações francesas ou latinas de permeio, frequentes referências a grandes autores clássicos ou modernos (de preferência franceses, mas também alemães e italianos), tudo isso fazia parte da bagagem que se exigia de um candidato a advogado ou promotor.

E, nesse particular, distinguiu-se logo Brasília, que fora na Faculdade de Direito discípulo querido de José Bonifácio, o Moço (o que deu nome à nossa praça central), talvez o mais célebre dos oradores do seu tempo, que o inspirava na política e na oratória forense.

Depois de três anos em nossa cidade, foi transferido para Casa Branca. Ainda estava domiciliado em Piracicaba quando defendeu tese e conquistou o grau de Doutor em Direito. Em 1879, foi nomeado inspetor do Tesouro Providencial Paulista e logo a seguir, no mesmo ano, assumiu o cargo de secretário do Tribunal da Relação de São Paulo.

Em 1883 foi nomeado, por concurso, professor substituto da Faculdade de Direito, até que em 1884 foi designado, por iniciativa do Partido Liberal, então no poder (Ministério Dantas), como Presidente da Província do Paraná. Em Curitiba esteve à testa do governo exatamente um ano — de 21 de agosto de 1884 a igual dia de 1885 — quando, havendo troca de ministério, subiram os conservadores ao poder (Ministério Cotegipe), acarretando, como de praxe na época, modificações nas administrações provinciais. O ano que governou o Paraná foi repleto de realizações. Somente uma exposição sumária delas seria suficiente, sem dúvida, para encher todo o espaço que nesta revista me é reservado.

Depois de alguns anos de exercício da advocacia retoma, em 1890, já sob regime republicano, suas atividades como professor, dedicando-se à cadeira de Filosofia do Direito e, mais tarde, à de Direito Comercial. Nesta última disciplina haveria de se revelar mestre profundo e grandemente respeitado.

Curiosamente, nunca quis ensinar Direito Criminal, matéria em que mais se destacou na sua atuação prática como advogado. Diziam não lhe parecer bem um professor ensinar uma matéria na qual, na vida real, pudesse ter que se defrontar com um ex-aluno.

Além do ensino universitário, suas atenções se voltavam, mais amplamente, para o ensino primário e secundário. Enquanto governava a província do Paraná, havia conseguido (fato único, ao que parece, no Império) fazer cumprir *de facto* a lei de obrigatoriedade do ensino primário, chegando a obter mais de 95% de frequência de alunos em idade de aprendizado. Em 1895, incorporou-se ao Conselho Superior de Ensino da República e, em 1911, já no governo Hermes da Fonseca, foi nomeado, sem embargo de suas bem conhecidas convicções monarquistas, presidente desse órgão.

No início do governo republicano, ainda ensaiou um retorno à vida política, fundando, com José Rubino de Oliveira, José Vicente de Azevedo, Francisco Teixeira de Miranda Azevedo, Luiz Gonzaga da Silva Leme (o genealogista), Aureliano Coutinho, Rafael Correia da Silva e Porfírio de Aguiar, o Partido Católico. Ainda havia, nessa altura, esperanças de que a república, respeitando suas promessas, assegurasse a mesma liberdade política que vigorara durante o Império, em que permanecera absolutamente livre a imprensa e em que a defesa de quaisquer ideias era permitida.

Não foi o que aconteceu, entretanto. Já no seu início, com o

célebre “decreto-rolha” (decreto 85-A, de 23-12-1889, do Governo Provisório), sob cominação de corte marcial e pena de morte foi proibida qualquer forma de propaganda contrária à nova forma de governo. De fato, nesse decreto, era criado um tribunal de exceção, composto exclusivamente de militares nomeados pelo Ministro da Guerra, com a finalidade de julgar sumariamente, em corte marcial, quaisquer indivíduos “*que conspirarem contra a República e o seu Governo; que aconselharem ou promoverem, por palavras, escritos ou atos, a revolta civil ou a indisciplina militar*”. O clássico bom humor dos brasileiros logo apelidou esse decreto de “decreto-rolha” (porque tapava a boca dos oposicionistas); ele tornava, na prática, impossível qualquer discussão, pela imprensa, acerca da forma de governo⁽⁵⁾.

Ainda se esperava que tal decreto fosse apenas obra de uns poucos exaltados, e que, na prática, se tornasse letra-morta, prevalecendo o bom senso. Foi nessa esperança que o Partido Católico foi lançado, composto, na sua maioria, por antigos membros do Partido Liberal do Império. Mas não teve sucesso, pois casuísmos eleitorais impediram, na prática, que funcionasse livremente. Essa experiência levou Brasília a desanimar da vida política.

Dedicou os quase trinta anos que lhe restavam viver às atividades profissionais, como advogado e professor de Direito, à educação, ao apostolado religioso, sempre muito ativo. E, também, às Musas, que nunca deixou de cultivar.

Como escritor, além de numerosos trabalhos jurídicos, publicou textos históricos e apoloéticos. Como poeta, lançou três coletâneas de versos: *Madressilvas*, em 1876, quando ainda estava em nossa cidade⁽⁶⁾; *Perpétuas*, publicado em 1882, e *Ave Maria*, dado a lume em 1900.

5 Sobre as dificuldades e perseguições enfrentadas pelos monarquistas brasileiros na primeira fase do regime republicano, é clássica a obra de Maria de Lourdes Mônaco Janotti, *Os subversivos da República*, Brasiliense, 1986, pp. 15-84. Ver também Teresa Malatian, *Dom Luís de Orléans e Bragança, peregrino de impérios*, Alameda, São Paulo, 2010; Armando Alexandre dos Santos, *A legitimidade monárquica no Brasil*, 2ª. edição, Artpress, São Paulo, 1988, pp. 16ss. e 154; e, do mesmo autor, *Parlamentarismo, sim, mas à brasileira*, Artpress, São Paulo, 1992, pp. 28-30 e 282-284.

6 Pormenor pouco conhecido: esse primeiro livro, que tornou a Noiva da Colina tão conhecida e admirada, não foi impresso no Brasil, mas em Portugal, na cidade do Porto, pela Typographia Central, com 195 páginas.

Como jornalista, deixou larga colaboração dispersa em numerosos jornais e revistas, em vários pontos do país.

Como polemista e defensor da fé católica, além da defesa brilhante que fez do Padre Anchieta⁽⁷⁾, elogiada até por Machado de Assis, cabe destacar a polêmica nutrida em que reduziu ao silêncio o conhecido naturalista e zoólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), que numa publicação científica divulgada na Europa cometeu erro fundamental, mostrando não conhecer rudimentos de doutrina católica. Corrigido por Brasília, Haeckel pretendeu sustentar sua posição, numa réplica. A tréplica de Brasília foi tão decisiva que fez Haeckel desistir de prosseguir o debate. Sobre essa curiosa e pouco divulgada polêmica também caberia um desdobramento que, quiçá, fique para outro número desta revista.

Brasília foi um dos fundadores, em 1909, da Academia Paulista de Letras, sendo eleito seu primeiro presidente. Foi, também, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838; e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fundado em 1894. Foi, ainda, membro ativo de entidades científicas de vários estados brasileiros e até do Exterior.

Por sua dedicação e fidelidade à religião católica, recebeu duas importantes distinções do Vaticano. Em 1900, o Papa Leão XIII conferiu-lhe a Cruz Pro Ecclesia et Pontifice, condecoração destinada a premiar eclesiásticos ou leigos que, na vida intelectual, se destacam em defesa da Igreja e do Papado. E, dez anos depois, o Papa São Pio X lhe outorgou o título de Barão.

Sua condição de católico militante não o impediu de ter, com D. Duarte Leopoldo e Silva, 13º. Bispo e 1º. Arcebispo de São Paulo, um entrechoque que marcou época. Duas personalidades fortes, dois pontos de honra sensíveis, duas visões divergentes de um mesmo ponto concreto... e assim nasceu o conflito, cheio de episódios interessantes e saborosos, reveladores da mentalidade e do *modus operandi* dos homens de outrora. Fica o relato completo dele para outra colaboração nesta revista...

7 Publicada em Brasília Machado, *Obras Avulsas, vol. II – Discursos*, Escolas Prof. Salesianas, São Paulo, 1906, pp. 39-144; e em Eduardo Prado, Brasília Machado e Joaquim Nabuco, *Conferências Anchietaanas*, Comissão Nacional para as Comemorações do Dia de Anchieta, Rio de Janeiro, 1979, pp. 37-76.

Em 1911, aceitou, como dissemos, a nomeação como presidente do Conselho Superior de Ensino, da República. O novo presidente, Hermes da Fonseca, marcou sensível recuo do jacobinismo que, até então, de forma mais acentuada ou menos, marcara os primeiros governos republicanos. Hermes permitiu que fosse erigida uma estátua ao Imperador D. Pedro II, em Petrópolis, e compareceu pessoalmente a sua inauguração. Permitiu também que retomasse seu nome tradicional – Pedro II – o colégio que a República rebatizara como Instituto Nacional de Educação Secundária, sendo seu diretor Carlos de Laet. Este último era velho amigo de Brasília, do qual foi correligionário, como membro do velho Partido Liberal e do natimorto Partido Católico; Laet, como Brasília, manteve-se fiel à Monarquia e à Igreja. E também, como Brasília, recebeu um título de Nobreza da Santa Sé⁽⁸⁾.

Ao Conselho Superior de Ensino Brasília dedicou seus últimos anos de operosidade. Também não cabe, aqui, expor tudo quanto fez e, sobretudo, quanto pretendia fazer no Ensino brasileiro, deixando para outro artigo tal aprofundamento.

Só se desligou dessa função em 1918, já bem doente e poucos dias antes de falecer. Morreu em sua casa, na capital paulista, a 5 de março de 1919, exclamando, como o também monarquista Eduardo Prado, o nome de Jesus.

* * *

Concluo esta breve rememoração do meu patrono transcrevendo alguns tópicos de um discurso da minha grande amiga Dra. Nelly Martins Ferreira Candeias, presidente e restauradora do Ins-

8 Sobre Carlos de Laet, é muito ampla a bibliografia. Ver, entre muitos outros, Antônio J. Chediak, *Carlos de Laet, o polemista – Primeira série*, Ed. Anchieta, São Paulo, 1942; do mesmo autor, *Carlos de Laet, o polemista – Segunda série*, Ed. Zelio Valverde, Rio de Janeiro, 1943; ver, ainda, os três volumes das *Obras Seletas*, de Laet, compilados pelo Prof. Homero Senna (Fundação Casa de Rui Barbosa/Agir/Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1984); ver, também, *No centenário de Carlos de Laet*, número especial da revista *Verbum*, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, tomo IV, fasc. 4, dezembro de 1947. Sobre o amplo anedotário laetiano, ver especialmente a Introdução de Francisco Leme Lopes a *Carlos de Laet – Textos Escolhidos*, Agir, Rio de Janeiro, 1964; e Armando Alexandre dos Santos, *O terrível Carlos de Laet*, in *A porto-riquenha dentuça e horrorosa*, Equilíbrio, Piracicaba, 2010, pp.63-67.

tituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Assumindo a 22 de dezembro de 2000 a cadeira número 30 da Academia Paulista de História, da qual é patrono Brasília Machado, assim se referiu, a ele, a oradora:

“Jurisconsulto de alto saber, escritor de aprimorada elegância, poeta de não comum inspiração, político que marcou a imprensa, com a sua natural majestade, foi o príncipe da tribuna judiciária de São Paulo”, nas palavras de Pelágio Lobo.

“Orador comparável a José Bonifácio, o Moço e a Joaquim Nabuco, conquistou a notoriedade com a oração pronunciada, em 1881, na Sessão Comemorativa do Tricentenário da morte de Camões, quando, em nome do jornal A Constituinte, fez um discurso que foi publicado em quatro edições sucessivas, cujo trecho de maior efeito diz ‘Portugal, essa nação pequenina, que a Espanha comprime e que o Oceano alarga... essa nova Grécia dos argonautas da glória’”.

“Como jurista, tribuno, jornalista, professor, político e administrador, Brasília surpreendeu as pessoas que o rodeavam, por sua extraordinária competência e por tudo submeter a seus princípios e a sua fé. Se foi um homem da Nação, foi também um Homem de Deus, Vir Dei. Bem merece a gratidão e o respeito que lhe dedicamos, recordando para sempre o seu nome e a sua obra”.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA
CAPELETI

Cadeira nº 17 - Patrona: Virgínia Prata Grigolin

À querida amiga, Virgínia Prata Gregolin!

Mística Turvilínea

Das águas turbulentas do passado,
Ressurgem turvilíneos pensamentos,
Reflexos de outro ser agrilhado
Ao renascer dos anjos violentos.

Um deles, apoiado em seu cajado,
Portando a ampulheta dos momentos,
Conduz o amanhecer que, amordaçado,
Retoma sua luz a passos lentos.

E o homem que do ser usurpa o manto
Não vê na noite o dia a cercá-la,
Julgando haver só dor na dor que canto.

Temer o lado escuro da mandala
É não poder contar com este encanto
De reviver da noite que nos cala.

Prece Pagã

Sei que a luz do céu não se dá em vão.
Sem seus dons de fé, sou qual sol sem cor.
Por um triz, se fez do meu sim um não.
Quis ser mais que mar, sou só sal e dor.

Voz da lei sem fim, hás de ser a flor
Do bem que há em nós, ser o ar e o chão.
Em teu caos, eu vou ver meu eu se pôr,
Ser a paz, ser um, ao te dar a mão.

Mas, se flui a luz e não se vai já,
Nem se vê o mal, só o mar que diz
Que bom é ter nau com a qual se vá

Sob o sol de sal, com a luz que quis
Ser bem mais que nós, ser o bem que há;
Ser bem mais que eu, ser o bem que fiz.

Reflorir

Quem vai criar as flores do futuro?
Quem delas cuidará depois de mim?
Quem pedras tirará do solo duro
E tardes passará junto ao jardim?

De tanto amor às plantas, eu procuro
Um outro alguém que as ame tanto assim
E queira colorir o mundo escuro
Com flores que eu deixar depois do fim.

Entrego meu lugar de jardineiro
A quem fizer a terra primitiva
Florir como roseiras de um canteiro.

Parece paradoxo a tentativa:
Espero refflorir o tempo inteiro,
Em meu jardim, qual rosa ou sempre-viva.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira nº 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

O guerreiro das palavras

No início dos anos 80, Piracicaba era uma cidade universitária e progressista, característica que mantém até a atualidade. Jovens das pequenas cidades da redondeza se dirigiam para cá na intenção de cursarem faculdade e para que pudessem ter oportunidades de emprego. Segui o destino da época, vinda de Tietê, reduto do saudoso Cornélio Pires, iniciei a Faculdade de Letras na então tradicional UNIMEP. Já no início da vida universitária ingressei também em minha trajetória profissional na Philips do Brasil, como escrituraria. Morava feliz no pensionato da querida Dona Maria Chiarini, bem situado à Rua Dom Pedro I. Em meio ao burburinho do centro, fui muito privilegiada por frequentar o circuito social da Noiva da Colina. Cidade fervilhante, Piracicaba era o reduto dos artistas e intelectuais, pensei em citar alguns, mas seria injusta se de alguns deles me esquecesse, assim apenas mencionarei um precioso grupo que frequentava: A Associação dos Escritores de Piracicaba. Em meio ao expressivo Grupo literário lá estava eu, uma jovem do interior de 21 anos com umas palavrinhas tímidas, mas com um imenso desejo de fazer poesia. Sempre fui apaixonada por literatura e participar das reuniões dos escritores era uma forma de crescer nos quesitos humano e literário.

Em meio ao grupo, um jovem magro e um pouquinho mais velho do que eu tinha uma intensidade que me atraía, com poemas envolventes recortava páginas com textos passionais e compactos. Dos dois livros de Ubirajara restaram lembranças de arrepios pelas emoções infundas e pela minha identificação com o autor de personalidade metafísica: *Do íntimo ao cismático* e *Queda Livre* são registros do poeta que teve sua vida ceifada no vigor de sua intelectualidade e juventude em meados da mesma década de 80. Tive o prazer de conhecê-lo e ouvi-lo em toda a sua intensidade e tentarei manter

de meu patrono o desejo de lancetar a alma alheia. Um poeta urbano, cuja pequena biografia e alguns poemas abaixo extraídos da Antologia “É tempo de poesia”, publicada em 1980, da qual tive o prazer de ser uma das autoras

UBIRAJARA LARA nasceu em Indiana (SP) a 6 de maio de 1958. Filho de João Batista Lara e Eline Malagueta Lara. Desde 1962 reside em Piracicaba onde, atualmente, cursa o 4º ano da Faculdade de Odontologia de Piracicaba – Unicamp. Iniciou-se na poesia com a publicação de “Do Íntimo ao Cismático”, pela Editora Franciscana de Piracicaba em abril de 1979. Seu segundo livro, intitulado “Queda Livre”, também de poesias, foi publicado pela Editora Soma neste ano de 1980. É sócio fundador da Associação de Escritores de Piracicaba (AEP), na qual ocupa o cargo de 1º secretário; faz parte da União Brasileira de Escritores (UBE).

POEMA LÍQUIDO

Corre,
um poema líquido,
no plasma:
vermelho,
cor de vida,
cor de crime.
De consistência
inconstante,
de inconstância
consistente:
a cada momento
é eterno,
a cada eternidade
é instante.
E numa taquicardia
líquido
lépido
lírico
colérico
espalha-se
arte (rial)
pelo corpo

RIMA

Continuo
rimando-a
em
meus versos brancos
para
que
meus poemas
tragam
as mais belas
figuras
e possam
eles
transmitir
a mais pura
linguagem do amor

O GALO

O galo
canta, seu canto de guerra,
num canto da casa: -
E a manhã, mais voraz
e mais sangrenta
-a bela bélica -
abre a porta com a
chave de fogo.
Assim,
o galo
nega os esporões
e engole as duras penas
por ser ele,
apenas
o porteiro da manhã

FRUTOS

Olhe
de frente
o ventre-fruto:
a semente
o semem
o sumo.
Em suma
tudo o que germinará
tudo o que fecundará
tudo tirado do suor
de nossos corpos.

Olhe
de frente
o ventre-fruto:
a semente
que germinará
fecundada
pelo semem suado
de nossos corpos

Pois
só ele poderá ser
o fruto final:
plantado em nossas raízes,
colhendo as flores
dos nossos espinhos

AMOR-TE

São duas,
as pessoas
do verbo: Amar

E do amor
para a morte
falta, apenas,
um pronome oblíquo
ao suicídio ímpar:

Falta, apenas,
a primeira pessoa
da conjugação
conjuguar amor:

amor-te
a morte

- Amar-te

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA DE NEGRI

Cadeira nº 20 - Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

Professor Benedicto Evangelista Costa

O professor Benedicto Evangelista da Costa nasceu em Piracicaba em 24/6/1921, filho de Benedicto Mariano Costa e Benedicta Rolim Costa .

Frequentou as escolas primárias de Santa Terezinha, grupo escolar do bairro Corumbataí, grupo escolar Dr. Alfredo Cardoso e grupo escolar da Escola Normal Oficial. Estudou também no Colégio Piracicabano e no Sud Mennucci.

Frequentou o atelier de pintura de frei Paulo Maria de Sorocaba.

Em 1944 entrou na Escola de Agronomia Luiz de Queiroz, onde graduou-se engenheiro agrônomo em 1947. Lecionou matemática e desenho no Colégio Piracicabano, Escola de Comércio Cristóvão Colombo, Ginásio Estadual de São Pedro e efetivou-se na cadeira de desenho, lecionando em Nova Granada, Viradouro, Santa Barbara D' oeste e finalmente no Instituto de Educação Sud Mennucci.

Foi aí que meu destino cruzou-se com o do distinto professor, na disciplina de desenho geométrico.

Tinha meus quinze anos, e cursava o primeiro científico, hoje, primeiro ano do Ensino Médio. Fui levado à sala de desenho no segundo andar do Sud, que possuía carteiras especiais para tal estudo, parecidas com as pranchas onde os arquitetos trabalham.

À minha frente, imponente, dentro de seu terno impecável, o professor Costa impunha respeito e segurança de quem conhece o que faz e ama o seu trabalho, passando os dez mandamentos para os estudantes de desenho geométrico:

1. Possuir todo o material de desenho geométrico.
2. Ao comprar o material de desenho, preferir sempre o de

melhor qualidade.

3. Conservar cuidadosamente o seu material de desenho, para que esteja sempre em condições de trabalho.

4. Guardar bem, em estojo apropriado, todo o material de desenho, evitando assim perda de tempo por extravio de uma ou outra peça.

5. Empregar cada instrumento de maneira conveniente, a fim de assegurar sucesso nos trabalhos, bem como discipliná-lo de forma a satisfazer os objetivos da matéria.

6. Procurar, em seus trabalhos, atender às imperiosas necessidades da ordem, limpeza, uniformidade e precisão.

7. Seguir sempre a orientação das pessoas mais experientes.

8. Não decorar aquilo que é ensinado, procurando empregar sempre o raciocínio para que se preencha outra finalidade muitíssimo importante do desenho geométrico, qual seja a de desenvolvimento daquela faculdade que, de um modo geral, é relegada a plano secundário pelos estudantes.

9. Estudar com dedicação e vontade de aprender.

10. Ter sempre em mente que a dedicação ao desenho técnico se dilate com a evolução da capacidade criadora do homem.

Eu, estudando na melhor escola de Piracicaba na época, que era o Sud Mennucci, como quase todo jovem adolescente, detestava regras, detestava estudar muito, estudava apenas o mínimo necessário para passar de ano, preferindo as brincadeiras e diversões e, portanto, não respeitei nenhum dos mandamentos, fui um “pecador”.

Demoradamente, o fim do ano chegou. Naqueles idos, parece que o tempo passava mais lentamente que hoje.

Veio o exame final e não consegui a nota necessária para passar. Veio a segunda época, que hoje se chama recuperação, e fui reprovado.

Nessa minha primeira e única reprovação, fiquei revoltado com o mestre e fui a ele recorrer pelo meio ponto que faltava.

Com aquela sabedoria de um verdadeiro professor e a paradoxal rigidez e ternura de um pai que ama seu filho, disse-me que iria manter a reprovação e que um dia, eu iria agradecê-lo por isso, pois vendo minhas notas dos anos anteriores, notou que o ano todo eu tirava notas baixas e somente no exame final tirava nota alta para passar raspando e, segundo ele, eu era inteligente, mas preguiçoso.

Tive que repetir o ano, mas com a diferença de que daí para a

frente, aprendi a lição, transformando-me em um bom aluno.

Graças a essa mudança, consegui ingressar na faculdade de medicina e me formei.

Anos mais tarde, nossos caminhos novamente se cruzaram, agora eu como médico, ele como paciente.

Foi então a oportunidade de agradecê-lo, como ele havia previsto anos antes.

Após lembrarmos velhos tempos, disse-lhe:

– Professor Costa, hoje estou agradecendo pelo senhor ter um dia me reprovado, pois se não o fizesse, hoje não estaria fazendo o seu exame de ultrassonografia!

Vi que de seus olhos uma lágrima disfarçada escorreu, gerada pela emoção de que havia cumprido o seu dever para com o aluno. Foi assim que nossos caminhos se cruzaram e ele mudou o rumo da minha vida.

Quando me pediram para escolher o patrono da cadeira número vinte da Academia Piracicabana de Letras, nem pensei uma segunda vez para escolher o professor Benedicto Evangelista Costa, o homem que mudou minha vida e assim agradecê-lo pela segunda vez com esta singela homenagem.

Obrigado mais uma vez, professor Costa!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS FERRARI

Cadeira nº 12 - Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

Homenagem ao meu Patrono

Para mim é motivo de orgulho e satisfação ter como patrono Ricardo Ferraz de Arruda, na Academia Piracicabana de Letras, homem muito comunicativo e dinâmico, possuidor de qualidades inatingíveis por um ser humano.

Foi Prefeito Municipal de Piracicaba; na sua gestão houve a criação da Biblioteca Pública Municipal além da criação de obras sociais significativas na comunidade piracicabana.

Cartorário, desenvolveu esta função com uma eficiência digna de um profissional, além de competente e honesto, dinâmico com um dinamismo dos mais elevados.

Participou de inúmeras atividades sociais em Piracicaba.

Falecido nesta cidade e sepultado no Cemitério da Saudade, onde jazem piracicabanos que construíram o nosso passado e graças a eles é que Piracicaba encontra-se entre as cidades de desenvolvimento, altivos e principais do nosso Brasil.

Aqui fica a minha singela homenagem a um homem difícil de ser substituído. Pois a sua grandeza foi demonstrada significativamente durante a sua existência.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA
SILVEIRA**

Cadeira n° 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

Algumas palavras sobre meu Patrono

José Ferraz de Almeida Junior, patrono da cadeira que ocupo na Academia Piracicabana de Letras com muito orgulho, naturalmente se encontrou frente a frente com uma tela vazia e imagino que como eu, artista plástica, buscava dentro de si o despertar de uma inspiração para ser retratada. Mas seu talento sempre lhe veio ao encontro, pois lhe era intrínseco, para saber plasmar cenas do cotidiano brasileiro que personificam o caipira do interior. Foi um precursor dos modernistas; embora tenha estudado na França, as luzes do nosso dia e a cor da terra se impunham na sua palheta parisiense, pois os costumes da roça o atraíam pedindo para serem retratados e perpetuados nas telas vazias e depois plenas do seu talento ímpar.

Certas obras como “Caipira picando fumo”, “Caipira negaceando”, “O violeiro”, “Cozinha caipira” e muitos outros quadros onde, além de colocar tipos de suas relações, se inseria entre eles, como na tela “Partida da Monção”. Deus na sua prodigalidade distribuiu para Almeida Junior a sensibilidade que só os eleitos por Ele são capazes de transmutar numa tela vazia a sua capacidade de registrar cenas que transmitem emoções recíprocas.

Ao entrar no Hotel Central, teve sua brilhante vida ceifada pelo amigo traído Almeida Sampaio, marido de Maria Laura, com quem o pintor teve um rumoroso romance.

TELA VAZIA

Uma tela vazia
espera para viver
a sua proposta plástica.

E...

Olhando as folhas de monstera
encostadas no vidro da janela,
vou retratando,
em pinceladas de aquarela,
suas nuances verdes
e sobre tons nas folhas novas,
em plenitude, e também
as cores amarelas das folhas
outonais e envelhecidas.

Nesse quadro
quero retratar que a beleza
é tão fugaz na nossa vida!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS JORGE
Cadeira nº 22 - Patrono: Erotides de Campos

De Mozart e Erotides de Campos

Ao passar a vista na obra de Erotides de Campos, veio-me à lembrança num relance a história de Mozart. Por me parecerem bem próximas, sob determinada óptica – genialidade musical precoce –, resolvi juntá-las nestas apreciações, convencido de não estar cometendo nenhuma heresia histórica. Mozart morreu pobre, e da mesma forma Erotides de Campos. Em comum – repito –, ambos possuíam inspiração musical à flor da pele, além do que se costuma definir como ouvido musical absoluto. Mozart, com poucos anos de idade, já tocava piano e compunha músicas. Estas espelhavam o gosto do povo europeu de seu tempo de criança. Erotides, da mesma maneira, tocava piano, flauta e também compunha músicas, que espelhavam o gosto predominante da população brasileira. Tais colocações se fazem apenas para demonstrar que, embora fossem compositores de músicas diferentes – erudita, popular, formato, ritmo, andamento, duração e melodia –, não deixaram de compor obras-primas de modo precoce.

Quanto a Mozart, sempre fora acolhido por príncipes e apresentava-se diante da realeza. Desta recebia o maior apreço, carinho e, certamente, dinheiro. Mas não teve um final de vida feliz. Sem dinheiro e esquecido pelos antigos admiradores – segundo se conta –, apenas um cachorrinho acompanhara o seu enterro. Todavia há séculos suas obras são executadas e veneradas mundo afora.

Já quanto a Erotides, existiram algumas diferenças. Menino pobre, mulato, amargou, desde a infância, o malsinado preconceito pela cor de sua pele. Não teve potentados a acolhê-lo e a oferecer-lhe ajuda financeira. Além disso, faltaram-lhe as mínimas condições para que a sua obra fosse mais bem divulgada e gratificada. No final de vida, Erotides estava financeiramente pobre. Entretanto teve o reconhecimento do povo, que o levou à sua última morada cercado do maior respeito e carinho. Por sua genialidade, a exemplo de Mo-

zart, encontra-se no patamar dos compositores imortais.

Falemos, pois, de Erotides Jonas Neves de Campos, nascido em 15 de outubro de 1896, na cidade de Cabreúva, e que viveu grande parte de sua vida em Piracicaba. Aos nove anos, já compunha música e tocava piano e flautim. Nesse tempo organizava uma bandinha infantil, da qual era o regente, e apresentava-se em público. Em 1907 – aos 11 – compôs o Dobrado Sinfônico Porto Artur, inspirado na tragédia que se abateu sobre aquela cidade, em razão de um bombardeio japonês, e que comoveu o mundo. Ainda nesse ano compôs o Dobrado Cabreuano e a Ária Dr. Mamede, os quais foram executados por uma banda da cidade de Cabreúva, regida por seu pai.

Tempos depois, Erotides deixa sua cidade natal e, na companhia de seu tio, Luiz da Silveira Neves, vem residir em Piracicaba. Aqui logo se integra à Orquestra dos Cines Íris e Politeama. Conforme se comentava na época, muitos iam ao cinema mais para ouvir as impecáveis execuções do menino Erotides ao flautim. Além dessas apresentações, passou a fazer parte da Banda União Operária, de Piracicaba.

Muitos acontecimentos, ao serem lembrados na vida de Erotides, ainda provocam emoção. Há um fato, acontecido quando estudava na Escola Normal, que é por demais encantador. Nessa época era seu diretor Honorato Faustino de Oliveira – médico, poeta e músico –, que, numa oportunidade, teve a sua atenção voltada para os sons musicais vindos do recreio. Era Erotides, portando uma flauta rústica, de bambu, que tocava músicas para os seus colegas. De imediato um inspetor de alunos recebeu ordem do diretor para conduzi-lo ao seu gabinete.

Envolvido por forte receio de algum castigo, pois a disciplina naquela escola era muito rígida, Erotides se apresentou ao diretor, quando foi submetido a interrogatório, o qual seria para comprovar que era ele quem estava tocando flauta no recreio. Na verdade, o diretor ardia de desejo de ouvi-lo tocar à sua frente com aquele rústico instrumento de bambu, com alguns furos obtidos com ferro em brasa. E, ao final, o diretor acabou sendo envolvido por um doce encantamento diante daquela criança. Mas nada lhe disse, apenas o dispensou. Todavia, imaginou, diante da virtuosidade do menino, o que o garoto poderia conseguir com uma flauta de amplos recursos, como uma de cinco ou até de 15 chaves.

Tempos depois, segundo consta da primorosa obra do escritor José Carlos de Moura, o aluno Erotides veio a receber de presente do diretor Honorato Faustino uma flauta com chaves e todos os recursos que a de bambu não possuía. Fora o dia mais radiante na vida do menino vindo de Cabreúva, cuja genialidade começava a florescer em Piracicaba.

A biografia de Erotides de Campos é tão rica e extensa quanto as suas centenas de composições, que o tornam parte da história da música brasileira. Nessa direção vale a pena, para reduzido registro, um excerto do contido na obra do escritor Waldemar Campos: *“As composições de Erotides foram executadas na Europa, nas décadas de 20 e 30, na Romênia, Itália, Espanha, França, Alemanha, Hungria e Portugal. Nelson Vainer escreveu que, em sua viagem da Europa ao Brasil, a bordo do navio alemão Monte Paschoal, em 1931, ouviu a “Ave-Maria” cantada por uma artista espanhola, acompanhada pela orquestra daquele transatlântico, quando foi aplaudidíssima”*.

No Brasil, ainda de acordo com Waldemar Campos, cerca de 60 músicas de Erotides de Campos foram gravadas. Entre os tantos cantores e músicos, pode-se destacar Altamiro Carrilho, Francisco Alves, Carlos Galhardo, Sílvio Caldas e Waldir Azevedo. Composições catalogadas de Erotides, e publicadas com letras de Jonas Neves – na verdade ele mesmo o autor dos belíssimos poemas – beiram a 300 ou mais.

Na área literária, Erotides de Campos, o imortal compositor de Ave-Maria, é patrono da Cadeira número 7 da Academia Pirassununguense de Letras, Artes, Ciências e Educação. Na Academia Piracicabana de Letras, é patrono da Cadeira número 22, que no momento ocupo, mesmo carente de mérito para tal honra. Honra, entretanto, caberia ao maestro Egildo Pereira Rizzi, que há anos vem fazendo admiráveis arranjos orquestrais das músicas de Erotides e executando-as pela Orquestra Sinfônica de Piracicaba. E esta, em sobrevida, graças ao escritor José Carlos de Moura, devotado divulgador da obra de Erotides de Campos.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM
Cadeira n° 5 - Patrono: Leandro Guerrini

Leandro Guerrini, “Símbolo da Cultura Piracicabana”

Personalidade que se destacou em nossa cidade, no século passado, nas áreas da educação; cultura; música; maçonaria; jornalismo e espiritualismo.

Foi diretor da Biblioteca Municipal de Piracicaba, quando funcionava, primeiramente no Teatro Santo Estevão e depois no prédio da Rua Voluntários de Piracicaba, esquina com a Rua Alferes José Caetano.

Leandro Guerrini, dotado de rico e privilegiado patrimônio cultural e humanitário, quando se aposentou, foi convidado pelo prefeito Luciano Guidotti, como seu assessor administrativo, onde atuou com destaque, emprestando o brilho de sua inteligência aos projetos e atos oficiais e demais iniciativas comandadas pelo Prefeito Luciano.

Sua espiritualidade era aplicada, semanalmente, ao lado de sua esposa Jaçanã Altair Pereira, juntamente com Waldomiro Nunes e Antonio Patreze, com visitas consoladoras às casas dos enfermos. Gestos que repercutiam positivamente e geravam admiração na comunidade piracicabana.

Para ilustrar os intermináveis feitos desse que é meu patrono na Academia Piracicabana de Letras, focalizo os tópicos contidos na capa de seu livro “Piracicaba em Quadrinhos”, editado em 1970.

O AUTOR – “Nasceu piracicabano, em 1896. Fugindo da chapá “cedo ainda”, dirá que se voltou ao jornalismo, bem jovem, com rabiscos nos jornalecos críticos da época e na Gazeta de Piracicaba. Anos depois, iniciou-se realmente no Jornal de Piracicaba, onde andou de revisor a redator-chefe. Namorou o teatro, tendo “brilhado” como comparsa de circo e companhias de opereta. Começou o ganha pão como “faquinha” avulso, arrebanhando uns vinténs para capinar sarjetas. Aprendiz de sapateiro e de carpinteiro. Fêz a Escola de Comércio Cristóvão Colombo e fracassou na profissão. Casado com

a escritora Jaçanã Altair Pereira Guerrini. É “professor” de apelido, pois nunca cursou escolas relativas. Enfrentou banca do Ministério da Educação e virou, assim, mestre-escola secundário. Em que matéria? Dizem que foi na de Português. Outra mania absorvente: a música. Tentou o bandolim, o violão, o piano e estagiou na flauta, sem passar do aprendizado, embora roncasse grosso: “Fui aluno do Erotides!”. Como soldado raso, pertenceu às muitas orquestras locais. “Tenor”, teve a ousadia de participar de festivais e concertos. E de programas de rádio. Serenatista da velha guarda, perpetrou músicas quejandas. Viu suas comédias representadas por companhias do porte de Palmeirim Silva, Iracema de Alencar, Mário Salaberry, João Rios, Darcy Cazarré e Nino Nelo. Peças radiofônicas levadas ao ar pelas principais emissoras do país. Já quarentão, sentiu-se em si a “veia histórica” à influência direta de Nelson Camponês do Brasil. Quase virou “pancada”, no campo da pesquisa. Notas e mais notas. Artigos e mais artigos. Na imprensa nossa e na de fora também. O Estado de São Paulo acolheu seus trabalhos. Com desfaçatez, vieram palestras e palestras sobre a fundação de Piracicaba. Além de comédias e peças radiofônicas editadas, publicou “De Piracicaba para Piracicaba”, coletânea de rodapés. E sua carreira literária se encerra com “História de Piracicaba em quadrinhos”. E para terminar esta esnobação: pertence à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, à Academia Paulista de Educação, à Academia Piracicabana de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico conterrâneo; possui as medalhas Imperatriz Leopoldina, adjudicada pelo Instituto Histórico e Geográfico do Estado de São Paulo, e Segundo Centenário, oferta da Prefeitura Municipal de nossa terra. E é só.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE

Cadeira n° 23 - Patrono: Leo Vaz

Leo Vaz, entre os primeiros do Estadão

Não cheguei a conhecê-lo, apesar de já estar no jornalismo, quando, em 1973, a 5 de março, morreu Leo Vaz de Barros, capivariano de nascimento, mas que teve, em Piracicaba, o início de toda glória como professor e jornalista. Nasceu dia 6 de junho de 1890, e eu nasci no mesmo dia e mês, em 1954, sem qualquer comparação intelectual, apenas na citação do tempo. Para mim, foi exemplo de quem assume um jornal e vai até o fim.

Leo Vaz – como literato, um satírico – foi, de 1918 e até 1973, redator, secretário e diretor do jornal O Estado de São Paulo, dando suporte à empresa e à família, com o exílio de Julio Mequita Filho, tendo antes trabalhado ao lado de Cásper Líbero em A Gazeta, de São Paulo.

Dos itens de sua vasta biografia, antes de diretor de O Estado, registram-se que foi um adolescente precoce, sabendo aos 13 praticamente de cor “Os Lusíadas”, de Camões, diplomou-se professor, pela Escola Normal de Piracicaba, e ensinou em várias cidades do Interior do Estado e também na Escola de Aprendizes Marinheiros do Recife.

Começou o jornalismo em Piracicaba, na Gazeta (fase do século XIX), e foi o primeiro dos piracicabanos que foram para o jornal O Estado de São Paulo, seguido assim de Breno Ferraz do Amaral, Mário Neme e outros. Ele gostava de jornal como poucos e, talvez, eu goste de jornal como ele sempre gostou.

Revisor, repórter, redator, secretário, diretor: uma vida dedicado ao jornalismo, especialmente à Gazeta e ao Estadão. Leo Vaz, meu patrono entre as 40 cadeiras, foi o diretor de jornal que foi de Piracicaba para São Paulo, enquanto que o patrono de Lino Vitti, Sebastião Ferraz – fomos amigos até o fim –, veio de São Paulo para Piracicaba. Ocupou a cadeira 14 da Academia Paulista de Letras (APL).

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME
Cadeira nº 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto

Fortunato Losso Neto

Piracicabano, nasceu em 18/8/1910 e faleceu no dia 3/1/1985, com 74 anos de idade.

Médico, escritor, artista plástico, um dos criadores do Salão de Belas Artes de Piracicaba e jornalista.

Acadêmico da Academia Piracicabana de Letras.

Seu jornal que hoje completa 110 anos fala-nos de tudo que ele fez.

Para uma empresa chegar aos 110 anos, precisa ter credibilidade, independência e vontade de vencer. Em se tratando de Jornal, junte-se, ainda, a liberdade, o compromisso com a verdade e com a justiça, o respeito ao leitor, o talento do formador de opinião, a eficiência e correção, leitura bela ou impactante, porém sempre agradável.

Comemoramos os 100 anos do nascimento de Dr. Fortunato Losso Netto, homem de grande cultura e, como os verdadeiros intelectuais, simples, humilde e generoso, ótimo médico e jornalista por excelência, amante e promotor da cultura, das artes piracicabanas, por quem tenho enorme admiração, foi meu paraninfo de formatura na Faculdade de Serviço Social e é meu patrono na Academia Piracicabana de Letras.

Recebeu e continua recebendo homenagens merecidas, principalmente a denominação do Teatro Municipal Dr. Losso Netto.

No seu sepultamento comoventes as últimas homenagens que lhe foram prestadas, não só por parentes e amigos, como por pessoas e cidadãos modestos que o respeitavam e o estimavam.

A minha homenagem póstuma ficou gravada na crônica que escrevi logo após sua morte: Dr. Losso Netto, um corpo que desce à terra e uma alma que sobe ao céu.

Tudo me leva ao túnel do tempo e me traz como brisa suave a frase: "Recordar é viver e viver é recordar."

110...100...40 anos: Marco de Glória

2010 é um ano abençoado.

Um ano totalmente ligado à parceria, isto porque 2010 é ano par e se colocarmos mais cinco letras (CERIA) formaremos a suave palavra mágica “parceria”, e, assim pensando, congratulo-me com três números pares que representam a magia da vida cotidiana de Piracicaba:

110 anos do maior, mais completo, tradicional jornal do interior paulista, que é nosso, somente nosso “Jornal de Piracicaba”;

100 anos do nascimento de Dr. Fortunato Losso Netto;

40 anos de colaboração é o que com alegria e modéstia comemoro por fazer parte do Jornal de Piracicaba, escrevendo crônicas, contos e poemas.

Quantas emoções sinto neste agradável momento, quanta saudade dos velhos tempos!

Cão abandonado

Deixado na rua,
Já não é mais forte.
Dura a vida sua,
Quase o leva à morte.

Mão abençoada,
Sua vida salva.
Gente iluminada,
Como estrela d'alva.

Longe de perigos,
Hoje muito amado.
Encontrou amigos,
Cão abandonado.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

Salvador de Toledo Pisa Junior

O Prof. Dr. Salvador de Toledo Pisa Junior nasceu em Capivari - SP, em 28 de dezembro de 1898, e faleceu em Piracicaba, em 22 de janeiro de 1988, aos 89 anos de idade. Foi casado com a senhora Helena Mendes de Toledo Pisa e deixou o filho Marcos Salvador de Toledo Pisa.

Era engenheiro agrônomo, formado pela Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", da Universidade de São Paulo - campus de Piracicaba, em 1921. Fez curso de pós-graduação na Alemanha, na Universidade de Berlim, onde obteve o título de Doutor.

Foi professor catedrático da ESALQ/USP - Piracicaba, responsável pela cadeira de Zoologia-Anatomia e Fisiologia dos Animais Domésticos, onde lecionou por mais de 40 anos.

Em 1944, quando cursava o 1º ano do curso de Agronomia na ESALQ/USP, tive o prazer de ser seu aluno, cativando-me pela sua simpatia e erudição.

Foi fundador e diretor da Revista de Agricultura, editada em Piracicaba.

Desenvolveu seus estudos na área de Zoologia, destacando-se por trabalhos de pesquisa em laboratório, pertinentes à Genética, Citologia e Taxonomia, tendo publicado mais de 500 trabalhos.

Destacou-se pela sua campanha referente à inexistência, nos cromossômios, de células sexuais de partículas responsáveis pela transmissão dos caracteres hereditários, isto é, dos genes corpusculares.

Também rebelou-se contra o conceito de vírus como seres vivos.

Estudou principalmente os Artrópodes, tendo trabalhado com insetos, aranhas, opiliões, escorpiões, etc.

Descreveu e classificou mais de 300 espécies, muitas representando gêneros novos.

A ESALQ/USP guarda, talvez, a maior coleção de insetos Ortopteróides brasileiros, por ele organizada ao longo de muitos anos.

A bibliografia do Prof. Pisa contém centenas de títulos, incluindo livros, trabalhos de pesquisa publicados em revistas nacionais e estrangeiras, em manuais de congressos e reuniões científicas e artigos em jornais, especialmente no "O Diário" e no "Jornal de Piracicaba".

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GREGORIO MARCHIORI NETTO

Cadeira n° 28 - Patrono: Delphim Ferreira da Rocha Netto

Biografia – Delphim Ferreira da Rocha Netto

Delphim Ferreira da Rocha Netto nasceu na cidade de Itu (São Paulo), no dia 9 de junho de 1913, filho de Francisco Nazareth Rocha e Euphrosina Mello Rocha. Casou-se em 8 de janeiro de 1937 com Yara Moreira Freire da Rocha, natural de Fortaleza (CE), filha de Leopércio Almeida Freire e Adelina Moreira Freire. São seus filhos: Weimar Freire da Rocha, José Carlos Freire da Rocha, e Delfim Sérgio Freire da Rocha. Faleceu em Piracicaba, no dia 23 de agosto de 2003, aos 90 anos, dos quais mais de 80 dedicados ao trabalho como arquivista esportivo e colecionador.

Delphim Ferreira da Rocha Netto cursou a Escola dos Irmãos Capuchinhos de 1919 a 1920; em seguida, cursou o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, de 1921 a 1922, e finalmente, o Grupo Escolar Modelo de Piracicaba, onde completou o curso primário e médio, diplomando-se em 30 de novembro de 1926. Cursou ainda a Escola de Contabilidade “Cristóvão Colombo” (1929 a 1930), cujo diretor era o Prof. Antônio Zalunardo Zanin, e depois, a Escola Prática de Contabilidade “Moraes Barros” (1931), do Prof. Acácio do Canto Junior, também seu diretor, tendo-se diplomado contabilista.

Delphim trabalhou no comércio piracicabano, na extinta Livraria Americana (1927 a 1931), que era de propriedade do seu tio, João do Amaral Mello (agrônomo da primeira turma da Esalq) e, depois do Prof. José de Assis Filho, que a transformou em misto de livraria e de materiais dentários.

Em São Paulo, onde foi residir (1933), passou a trabalhar na tradicional firma de artigos dentários e de perfumaria “Ao Boticão Universal”, como vendedor e depois como “caixeiro viajante”, na zona noroeste, até 1935, residindo em Bauru.

Em 1935, prestou concurso público e foi aprovado, passando a integrar o quadro de funcionários da Secretaria dos Negócios da Fazenda do Estado de São Paulo. Como agente fiscal de rendas, trabalhou na capital paulista até 1937, quando foi removido para o Posto de Fiscalização Estadual de Piracicaba. Nesta cidade, exerceu as funções de agente fiscal até o ano de 1939, quando foi removido para a cidade de São Carlos.

Em 1944, retornou a Piracicaba, ainda na qualidade de fiscal. Mais tarde, em 1946, foi guindado ao cargo de chefe do Posto Fiscal local, e em 1949, ao de Inspetor de Rendas. Em 1955, foi removido para Pirassununga na qualidade de inspetor daquela cidade e região. E em 1960, foi transferido para a Inspeção Fiscal de Rio Claro, onde ocupou durante dois anos, o cargo de delegado tributário da Delegacia Regional da Fazenda, em comissão. Aposentou-se na carreira de Inspetor de Rendas, no dia 13 de maio de 1964.

Rocha Netto iniciou os seus primeiros passos na imprensa piracicabana, como colaborador do *Jornal de Piracicaba*, onde começou escrever suas primeiras notícias esportivas em 1930. Em 1933, indo residir na Capital, tornou-se representante junto à imprensa de São Paulo, da Associação Atlética Acadêmica "Luiz de Queiroz", e do EC XV de Novembro de Piracicaba, divulgando o nome de Piracicaba em todos os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Em 1937, na sua volta para Piracicaba, ingressou no *Jornal de Piracicaba*, de propriedade de João Franco de Oliveira e, em 1938 – 1939, firmou-se no mesmo jornal dos Irmãos Losso (Fortunato e Eugênio), até o dia em que foi removido para São Carlos, em 1939. Delphim passou então, a chefiar a seção esportiva do *Correio de São Carlos*. Em 1944, de novo em Piracicaba, voltou a prestar colaboração ao "Jornal".

Em Piracicaba, Rocha Netto exerceu ainda as funções de correspondente do "Diários Associados", Rádio Pan-Americana e "A Gazeta Esportiva", além de ter sido nomeado redator correspondente da revista carioca "Sport Illustrado", que circulou de 1937 a 1956 no Brasil e no exterior.

Foi colaborador também da revista cinematográfica "A Cena Muda", do Rio de Janeiro. Até o ano de 1997, representou em Piracicaba, onde residia, a "A Gazeta Esportiva", cujas

notícias eram sempre publicadas com destaques. Teve rápida passagem por “O Diário” local, em cuja imprensa escreveu centenas de reportagens e dois livros sobre o XV de Novembro, 1913 a 1946 (O Diário) e de 1947 a 1994 (Jornal de Piracicaba).

Rocha Netto foi eleito em 1955 vereador à Câmara Municipal de Piracicaba, pelo PSP, exercendo pouco tempo a referida função em virtude de sua remoção para Pirassununga. Recebeu os títulos de Cidadão Piracicabano, Cidadão Benemérito do Esporte Pirassununguense, Benemérito do Esporte Goiano, Benemérito e Sócio Honorário do Clube Atlético Pirassununguense; Sócio Benemérito do Clube dos Sargentos e Subtenentes de Pirassununga; Sócio Remido, Grande Benemérito e Presidente de Honra do EC XV de Novembro de Piracicaba; Sócio Remido dos Veteranos Paulistas de Futebol, da Capital; Membro Nato do Grande Conselho de Honra da Sociedade Recreativa Palmeiras de Piracicaba, Presidente Honorário do Panathlon Clube de Piracicaba.

Foi também Presidente de Honra da Federação Paulista de Ping Pong, Presidente Honorário do Clube Flor do Bosque de Piracicaba, membro da Academia Piracicabana de Letras; do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, do Clube dos Escritores e da Associação dos Cronistas Esportivos do Estado de São Paulo. Como sócio da ACEESP foi agraciado em 11 de janeiro de 1971, com o diploma e medalha de “Mérito Profissional”, por ocasião do 1º Congresso Nacional de Cronistas Esportivos, realizado em São Paulo.

O acervo esportivo Rocha Netto foi formado pelo jornalista Delphim Ferreira da Rocha Netto (1913-2003), a partir de 1919, e hoje é considerado um dos mais completos acervos sobre futebol do país e extensa fonte de pesquisa para estudantes, jornalistas, historiadores, esportistas e demais interessados. Sua formação teve como objetivos fundamentais resgatar a história do futebol e a trajetória dos grandes jogadores do passado. É composto por uma coleção de aproximadamente 50 mil fotografias sobre futebol, anotações sobre os clubes nacionais e internacionais, flâmulas, livros, fichas técnicas de jogos e dados biográficos de atletas. As coleções de jornais e revistas especializadas existentes no acervo somam cerca de 30 mil textos.

O arquivo teve início quando Rocha Netto tinha apenas seis anos de idade, e passou a colecionar as figurinhas que envolviam as

balas-futebol e as fotos publicadas nos jornais da época, costume que lhe garantiu preciosidades, como fotografias raras da seleção brasileira e também de times locais. Pelo seu valor histórico e organização, o acervo Rocha Netto tornou-se instrumento de pesquisa reconhecido pela imprensa esportiva nacional.

Em abril de 2002, o jornalista oficializou a doação do seu acervo ao Instituto Educacional Piracicabano (que o integrou ao Centro Cultural Martha Watts), e certificou-se de que seu trabalho seria preservado e mantido como fonte de pesquisa às novas gerações e admiradores do futebol. No ano de 2006, o acervo foi totalmente transferido ao Centro Cultural Martha Watts, local onde é preservado, e desde então permanece aberto para visitação no Espaço Memória Piracicabana.

De fevereiro de 1980 a junho de 1981, Rocha Netto iniciou nas páginas de “O Diário”, de Piracicaba, um trabalho denominado “A História do XV”, no qual foi focalizada a vida do tradicional clube, compreendendo o período de 1913 (data da fundação da agremiação), até 31 de dezembro de 1946, registrando toda a sua história de clube amador. Este documentário, tamanho 28 x 38, somando 616 páginas, foi lançado em livro, na sessão solene da Câmara Municipal de Piracicaba, no dia 1.8.1981.

A partir de 19 de março de 1982, Rocha Netto passou a escrever a segunda parte de “A História do XV” no Jornal de Piracicaba, na qual foi focalizado o período de 1.1.1947 até 31.12.1991 e, contando os fatos do Clube já na sua fase profissional, completando-se assim o ciclo 1913 - 1991. Esse trabalho mereceu elogios da FIFA conforme documento encaminhado pelo Dr. João Havelange, presidente daquela entidade. O livro referente à segunda parte da “História do XV” foi posto à venda aos interessados, cuja renda foi entregue totalmente às casas de caridade de Piracicaba.

Quando Rocha Netto residiu em São Carlos (1939 a 1943), fundou naquela cidade o Semanário “Correio Esportivo”, que era encartado no tradicional “Correio de São Carlos”, e fez parte ativa da vida social e esportiva daquela cidade, como atleta vinculado ao futebol local. Lá, fez parte da Comissão Central de Esportes, quando São Carlos levou a efeito os Jogos Abertos do Interior, na gestão do prefeito Carlos de Camargo Salles, fazendo ampla cobertura dos acontecimentos esportivos daquela cidade, em jornais da Capital do Estado e em revista do Rio de Janeiro.

Em Pirassununga, além de colaborador do jornal “O Movimento” e “A Voz do Arip”, foi radialista, apresentando na Rádio Difusora o programa “Pelota no Ar”; como presidente da Comissão Central de Esportes, movimentou todas as modalidades na região e implantou em Pirassununga, o futebol de salão e o tênis de mesa. Foi patrono, também, dos ginásios de 1957, da Escola Normal “Álvaro Guião” de Pirassununga.

Em Piracicaba, ocupou por vários anos, a presidência e a tesouraria da Comissão Central de Esportes, a título relevante, pois nunca recebeu nada por seus trabalhos em favor do esporte.

Promovida pela Associação Atlética Educando pelo Esporte desde 1999, a Copa Rocha Netto tem como objetivo homenagear o jornalista e promover atividades voltadas aos jovens em atividades recreativas, que visem a amizade e a integração. A partir de 2010, a Copa Rocha Netto passou a integrar o calendário esportivo de Piracicaba.

Até aqui, transcrevi quase textualmente os dados biográficos de meu patrono, que me foram fornecidos amavelmente pela Assessoria de Imprensa do Departamento de Comunicação e Marketing, da UNIMER, por meio da jornalista Angela Rodrigues dos Santos.

Passo, a partir de agora, a transcrever um texto de minha lavra, que intitulei:

Costumes e manias de Rocha Netto

(conforme relato de seus filhos)

Rocha Netto, de vez em quando, para demonstrar o imenso amor que possuía pelo seu time de futebol – o Clube XV de Novembro – saía andando pelas ruas centrais da cidade vestido com a camisa de futebol do clube, atraindo assim a atenção dos transeuntes.

Uma de suas manias, nas horas de lazer, era em sua casa comer salaminho e tomar uma cerveja, desobedecendo às recomendações do seu médico. Mas, para assistir a seus filmes clássicos antigos, de sua notável filmeteca “cult”, tinha uma mania toda especial: comprava sanduíches das Lanchonetes Mac Donald’s, levava-os para sua casa e assistia ao filme comendo-os, muito devagar, e to-

mando sua cerveja predileta.

Certa vez, assistindo a um dos seus filmes antigos, sentiu que, por mais que mexesse os botões do volume, não conseguia fazer “aparecer” o som. Irritado, telefonou para seu filho Weimar, para que este viesse a sua casa e fizesse funcionar o som. Após Weimar verificar todo o sistema sonoro, concluiu e disse ao seu pai: impossível ouvir o som do filme... pois o filme é mudo!

Após a morte do Presidente da APL, João Chiarini, houve eleição para nova diretoria. Rocha Netto foi candidato à vice-presidência, na chapa encabeçada por mim, concorrendo três chapas. Fomos derrotados.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM

Cadeira n° 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Laudelina Cotrim de Castro

Escolhi para patronesse da cadeira, que ora ocupo na Academia Piracicabana de Letras, a saudosa professora Laudelina Cotrim de Castro, que nasceu no dia 12 de abril de 1907 e faleceu em Piracicaba, aos 74 anos, no dia 13 de setembro de 1981. Era filha do Prof. Benedito Cotrim Dias (professor e diretor de escola primária) e de Cândida Wolf Cotrim Dias (do lar). Foi casada com Docler de Castro; não teve filhos.

Formou-se professora normalista na Escola Complementar, hoje Instituto de Educação "Sud Mennucci" e dedicou sua vida ao magistério, sua grande paixão, e, mais tarde, atuou, durante muitos anos, na antiga Escola Normal Oficial de Piracicaba, depois Escola Normal "Sud Mennucci", instituição em que se formara, e também na Escola Normal "Miss Martha Watts" do Colégio Piracicabano, sempre na área da pedagogia, ensinando a disciplina Prática da Educação. Quando tinha seus quase 50 anos de vida, tomou uma decisão corajosa: transferiu-se para São Paulo, para fazer o vestibular para o Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo, na Rua Maria Antonia, uma das mais renomadas do país, apesar de já ser titular, por concurso público, da cadeira que ocupava na Escola Normal Oficial, em Piracicaba. Licenciou-se em 1959. Depois de lecionar na própria instituição em que se formara, aposentada, voltou a residir em Piracicaba. Ela teve, também, nessa cidade, na década dos anos 40, um curso de admissão ao ginásio (que, então, exigia exame para ingresso), reconhecido pela sua qualidade e conseqüente elevado número de alunos aprovados.

A Prof^a Laudelina, que os íntimos chamavam de Lina, era uma pessoa eclética e multifacetada. Enquanto residiu em Piracicaba destacou-se, não só como professora, dedicada, inteligente e

culta, mas também como animadora cultural. Amante da música, era pianista, bailarina, acordeonista, violonista e cantora. Gostava de organizar shows artísticos, espetáculos teatrais e de balé (eventos que montava e acompanhava ao piano), bem como outros tipos de festas, envolvendo seus alunos e pessoas da sociedade. Um desses espetáculos, muito esperado, era o “Show Normalista”, realizado, anualmente, no antigo Teatro Santo Estevão, demolido em 1952. Nessas ocasiões ela fazia de tudo: preparava o roteiro e “scripts”, montava as cenas, fazia o esboço dos roteiros e trajes das personagens, ensaiava, buscava apoios e participava pessoalmente do espetáculo. Nada lhe escapava; era exigente, pois queria tudo o mais perfeito possível. Nela transbordavam a alegria e o entusiasmo. Tinha uma criatividade e dinamismo invejáveis. Em tudo punha muita beleza e arte.

Maria Aparecida Mahle, a partir de pesquisas, registrou que a Prof^a Laudelina levou a efeito o primeiro desfile de moda, em Piracicaba,. Sobre ela escreveu:

“Professora interessante, cheia de vivacidade e energia foi Laudelina Cotrim de Castro. Para organizar uma festa escolar, fazer a coreografia de um bailado, podiam contar sempre com seus préstimos e qualidades. Creio, também, que o primeiro desfile de modas que Piracicaba presenciou foi organizado por ela, em 1946, no Teatro Santo Estevão. Tinha o mesmo a finalidade de colaborar com os formandos do ginásio, daquele ano, do “Sud Mennucci”; a renda era para pagar as despesas com a festa. Nenhuma casa de modas patrocinava o evento e desfilávamos com os vestidos confeccionados por nossas próprias costureiras. Também não havíamos feito nenhum treinamento especial; apenas quem gostava e “levava jeito” participava. Isso Laudelina resolvia... E para desfilarmos havia “música ao vivo”. O evento, seguido de uma brincadeira dançante, foi um sucesso” (Extraído de “A Província” – www.aprovincia.com.br).

Estava, também, sempre envolvida nos movimentos da vida cultural da cidade, na qual tinha presença marcante. Publicou muitos artigos, alguns polêmicos, no “Jornal de Piracicaba” e em outros periódicos, sobre assuntos variados e a respeito de temas da sua área, a Educação. Erudita, lia muito. Inveja a sua biblioteca e o seu vasto conhecimento, inclusive de idiomas estrangeiros. Quando eu tinha dúvidas ou necessidade de ajuda para algum trabalho escolar era a ela que eu recorria. E mais, falava muito bem, uma grande oradora.

Ela gostava de viajar e de organizar viagens, muitas delas para seus alunos. Aliás, numa época em que as viagens não eram tão fáceis e comuns, não perdia oportunidade de conhecer novos lugares, no Brasil e no exterior. Tinha horror a viagens aéreas, preferindo sempre a via marítima ou terrestre. Como o seu marido não apreciava muito esses périplos, ela, se articulava com colegas ou amigas, para fazê-los. Visitou a Europa, inclusive a Rússia, em tempos de “guerra fria”, e países latino-americanos.

Outra faceta de sua personalidade era o gosto pelo esporte, especificamente a natação, que praticava regularmente, para manter o seu preparo físico. Ao que me consta, foi na sua residência, imóvel que chamava a atenção pelo inusitado estilo normando de sua arquitetura, edificada em 1948 (imóvel ainda hoje existente, na Rua 15 de Novembro, esquina com a Rua José Pinto de Almeida), que se fez a primeira piscina numa casa particular em Piracicaba.

O Legislativo piracicabano homenageou essa ilustre e querida educadora, dando o seu nome a uma avenida, junto ao Bosque da Água Branca, perto do ribeirão Piracicamirim.

De um artigo de autoria do professor, escritor e jornalista Leandro Guerrini, sobre a Prof^ª Laudelina, publicado no “Jornal de Piracicaba”, em 14 de julho de 1985, pincei as seguintes frases e expressões: *“Vida consagrada à arte”*. *“Professora, no vero sentido da palavra”*. *“Alma feita de musicalidade, no genuíno sentido do vocábulo”*. *“Não apenas uma individualidade que interpretava os acordes alheios. Criava, movimentava inteligências, descobria talentos. Ficaram de grata recordação os recitais normalistas, a cargo dos alunos que tais. Titular da Escola Normal, movimentava talentos, ao final de cada ano, organizando espetáculos, não apenas escolares, mas de fina essência cênica”*. *“Elemento para qualquer parada, excelente musicista, um sentido de finura que encantava. Exemplo vivo como diretora e ensaiadora”*. *“Pode-se afirmar que fora acompanhadora oficial da cidade. Tudo quanto era artista desgarrado que aparecesse cá na taba e se propunha a um concerto, lá estava Laudelina Cotrim de Castro como acompanhadora ao piano e regente da orquestra.”*

A jornalista, professora e advogada Antonietta Rosalina da Cunha Losso, escrevendo para o “Jornal de Piracicaba”, na edição de 17 de setembro de 1981, sobre a Prof^ª Laudelina, assim se expressou: *“Que criatura maravilhosa, vibrante, determinada era ela! Que elegância e precisão de termos tinha. Uma dicção perfeita, aliada à sempre*

propriedade do que expunha. De uma vivacidade de espírito tão grande que não lhe permitia se ater apenas às suas aulas de Prática, mas que a fazia organizar excursões, espetáculos de arte e até balés idealizados e acompanhados por ela ao ritmo de piano”.

NOTA - Embora tenham sido próximas as minhas relações com a Prof^a Laudelina Cotrim de Castro, em razão de vínculos familiares, pois era minha tia, são, infelizmente, escassas as fontes documentais e testemunhais, onde pudesse buscar informações detalhadas para compor a sua biografia. Ao pensar em pessoas que a conheceram e com ela conviveram, lembrei-me do meu amigo, Prof. Dr. Samuel Pfromm Netto, pessoa que desfrutou da amizade com a homenageada. Contatado, solícito e mui gentilmente, enviou-me, o verbete que escreveu a respeito dela, para o seu, ainda inédito, “Dicionário de Piracicabanos”, além de cópias de artigos publicados no “Jornal de Piracicaba”, de autoria de Diva de Castro Cardoso, Leandro Guerrini e Antonietta Losso Pedroso, depois do falecimento da mesma, acima referidas, dos quais me utilizei para fazer este texto.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HOMERO ANEFALOS

Cadeira nº 30 - Patrono: Jorge Anefalos

O perfil de Jorge Anefalos – Imortal

O nome de Jorge Anefalos, pela Lei Municipal n. 3.022, de 5 de maio de 1989, figura em rua desta cidade de Piracicaba, exatamente à rua 2, do Parque Orlanda I, e rua 4, do Parque Orlanda II – Rua Jorge Anefalos (cidadão prestante).

Jorge Anefalos, viúvo de Anna Anefalos, nasceu em 6 de janeiro de 1905, na Ilha de Kalinos, Grécia, filho de João Anefalos e Eufêmia Anefalos.

Faleceu em São Paulo, Capital, em 23 de julho de 1987, às 22:30hs, mas residia há alguns anos sozinho com o seu filho Dr. Homero Anefalos e família, nesta cidade, à Rua Coronel Barbosa, n. 150, bairro dos Alemães.

Desde 1961 frequentava assiduamente a cidade deste seu filho, Piracicaba, participando dos problemas da cidade, e sempre procurou ajudar as pessoas necessitadas e carentes que o procurassem, mesmo em prejuízo dos seus interesses. Era benemérito. Muitos dos trabalhos de benemerência eram realizados anonimamente.

Na colônia grega, sempre participou da integração dos recém-chegados patrícios a este país, colocando como país de seu coração o Brasil, onde viveu mais de 60 anos.

Veio ao Brasil muito jovem e casou-se aqui mesmo com Anna Sertek, em 7 de fevereiro de 1935, em São Paulo, capital, registro civil, Primeiro Subdistrito da Sé.

Desta união, nasceram dois filhos, ainda vivos:

Dr. Homero Anefalos, casado com Laila Nahas Anefalos, tem três filhos (Homero Anefalos Júnior, Lílian Cristina Anefalos e Alexandre Anefalos). Advogado militante, perito criminal e cível, jornalista e radialista profissional, membro efetivo e fundador da Academia Piracicabana de Letras, tem ainda outras atividades e reside em Piracicaba há mais de 25 anos.

Dra. Arthemis Anefalos Pereira, casada com Sérgio Viniegra

Pereira, residente e domiciliada em São Paulo, Capital, tem dois filhos (Sérgio Anefalos Pereira e Rogério Anefalos Pereira).

Jorge Anefalos veio para o Brasil jovem com 18 anos, casando-se aqui no Brasil, com 28 anos.

Percorreu vários estados brasileiros, tais como Mato Grosso, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Paraná e outros mais, sempre elogiando essa grande nação.

É interessante notar, como curiosidade, que Jorge Anefalos era excelente atleta, nadador, chegando já na sua infância, desde os 10 anos de idade e adolescência, a trabalhar nos serviços submarinos, inclusive extração de esponjas do mar, permanecendo mais de 6 minutos submerso, evoluindo para escafandro, que era alimentado com ar bombeado, manualmente, por companheiros no barco, através de tubo até o capacete do mergulhador. Não havia tubos de oxigênio naquela ocasião. Caso o ar bombeado não chegasse ao mergulhador, isto poderia afetar o seu cérebro, deixando-o inválido. Felizmente, isso não lhe ocorreu. Porém, diversos companheiros seus perderam a vida e outros ficaram inválidos, com perda dos movimentos dos membros inferiores. Isso se deu em virtude de falha humana, no bombeamento do ar, provocando lesões cerebrais, daí a invalidez.

Na sociedade

Jorge Anefalos era elemento muito ativo na solução de problemas de sua comunidade, onde quer que se radicasse, sempre visando melhorias. Procurava enfrentar e ajudar para que as autoridades competentes procedessem a melhorias, como pavimentação de vias públicas, de fazer chegar energia nos bairros, problemas sociais, familiares, enfim, era sempre solicitado para opinar e ajudar, em face de sua longa experiência; ajudava a todos, sem distinção de raça, sexo ou cor, mesmo em prejuízo dos seus interesses pessoais e econômicos. Era benemérito.

Na colônia grega, sempre participou da integração dos recém-chegados ao novo país.

Trabalhava, antes de se aposentar, na confecção de roupas masculinas e se dedicava às letras, com artigos publicados na im-

prensa de São Paulo, Capital, abordando assuntos diversos. Após a sua aposentadoria, dedicou-se integralmente aos trabalhos de beneficência.

Pertenceu à Academia Piracicabana de Letras, considerada de utilidade pública por leis federal, estadual e municipal, sendo membro efetivo e patrono do seu filho, Dr. Homero Anefalos, que é membro efetivo e fundador, ocupando a cadeira 29 na sua primeira fase de existência, e a cadeira 30 na atual fase.

Jorge Anefalos também pertenceu ao Clube dos Escritores de Piracicaba, sendo igualmente nessa entidade patrono de seu filho Dr. Homero Anefalos.

Pertenceu também à Academia Paulista de História e à Ordem Nacional dos Bandeirantes-MATER, entidade prestigiosa, que mantém estreitos laços com os escritores de Piracicaba e com os piracicabanos, através da Academia Piracicabana de Letras, cujo presidente era o saudoso Dr. João Chiarini, e que lhes prestaram sinceras homenagens, inclusive *post-mortem*.

Jorge Anefalos tinha tendência socialista e não militava em nenhum partido político. A Associação dos Advogados de Piracicaba homenageou-o através de sua diretoria, na Assembleia Geral Ordinária de 18 de agosto de 1989:

“...o senhor presidente tomou da palavra tecendo considerações de louvor e de pesar pelo passamento do ilustre cidadão, Sr. Jorge Anefalos, estendendo-se longamente na análise de suas qualidades pessoais, destacando tratar-se de cidadão benemérito, pública e notoriamente conhecido, defensor das causas de interesse público, sempre em prol do direito e da Justiça, num verdadeiro espírito de brasilidade. Ressaltou, ainda mais, que Jorge Anefalos estava vinculado a Piracicaba, nossa cidade, por intensos laços de amizade e de coração, redicando-se nela nestes últimos anos. Esclareceu, ainda mais, que Jorge Anefalos faleceu aos 82 anos, em 23/7/1987, e propôs que se tornasse pública a deferência acima, para que ficasse perpetuada nos Anais da História da associação, fazendo-se, inclusive, Edital a respeito”.

Jorge Anefalos também recebeu homenagens sinceras em prestigiosos matutinos piracicabanos, o Jornal de Piracicaba, O Diário e A Tribuna Piracicabana.

Jorge Anefalos também foi homenageado por representar, nesta cidade, a colônia grega, cultivando a sabedoria milenar dos antepassados gregos, reconhecidos por toda a humanidade.

A eterna homenagem ao patrono Jorge Anefalos

A Academia Piracicabana de Letras, em sessão magna, concedeu o diploma “Fortunato Losso Neto” ao Sr. Jorge Anefalos, devidamente registrado, no livro competente, em 18 de outubro de 1896, pelo presidente Dr. João Chiarini.

Atualmente, face à nova lei prevista no Código Civil Brasileiro, o Sr. Jorge Anéfalos é patrono da nova cadeira número 30, ocupada pelo seu filho, Dr. Homero Anefalos, instituído nessa cadeira em sessão magna, realizada em 2009, na sede central do Clube Cristóvão Colombo, em Piracicaba. Atualmente é presidente da Academia Piracicabana de Letras a Sra. Maria Helena Vieira Aguiar Corazza.

O Clube dos Escritores de Piracicaba conferiu diploma e láurea a Jorge Anefalos, como escritor e patrono do Dr. Homero Anefalos:

“De acordo com a Lei número 4.426/98, que instituiu no Município os seus diplomas e láureas, o Clube dos Escritores de Piracicaba lavra, de forma vitalícia, no diploma da Galeria de Honra, tornando-se dessa forma imortal, com dignidade e orgulho, como alguém que muito fez pela comunidade, pela Literatura e pela Cultura, o nome de Jorge Anefalos, como Patrono da cadeira número 34, da Área de Ciências, do Conselho Acadêmico do Clube dos Escritores de Piracicaba. Datado em Piracicaba, 20 de julho de 2001”.

A Lei número 3022, de 5 de maio de 1989, aprovada pela Câmara Municipal de Piracicaba e sancionada e promulgada pelo sr. Prefeito Municipal, Sr. José Machado, deu nome de via pública, Rua Jorge Anefalos (Cidadão Prestante), no Parque Orlanda II, bairro de Santa Teresinha.

A Família do Imortal Jorge Anefalos

Jorge Anefalos foi casado com Anna Anefalos, ambos falecidos.

Jorge Anefalos tem dois filhos, com nomes gregos (Grécia: berço da civilização. Hipócrates, o Pai da Medicina, ensinava: “Faz do teu alimento o teu medicamento”): Homero Anefalos e Arthemis Anefalos Pereira.

Pela Mitologia Grega, Homero foi o autor dos famosos livros A Ilíada e A Odisseia, e Artemis foi a deusa da Lua e da caça.

Arthemis Anefalos Pereira, casada com Sérgio V. Pereira, tem dois filhos: Sérgio (cientista) e Rogério (advogado).

Homero Anefalos tem três filhos:

1) Dr. Homero Anefalos Júnior (Engenheiro, área Elétrica), casado com Romilda Martins Anefalos, com uma filha menor, Sophia.

2) Dra. Lilian Cristina Anefalos (Pesquisadora científica, com mestrado e doutorado na ESALQ), casada com Ari Fortes, com duas filhas, Yasmin e Júlia, menores.

3) Dr. Alexandre Anefalos (médico especialista e escritor, membro da Academia Piracicabana de Letras na fase do Dr. João Chiarini, membro emérito na atual fase, e membro do Clube dos Escritores de Piracicaba, onde tem recebido homenagens pelos trabalhos realizados, inclusive na área da Medicina. É casado com a Dra. Miriam Ferreira de Paula Anefalos (médica especialista), tendo dois filhos gêmeos, Amanda e Rafael, de 6 anos.

Anna Anefalos é *patronesse* da bisneta Yasmin Anefalos (filha da Dra. Lilian Cristina Anefalos), e ocupa a cadeira n. 59, área de Letras, do Clube dos Escritores de Piracicaba, a qual será homenageada, em 26 de novembro deste ano, na Câmara Municipal de Piracicaba, recebendo o Colar Literário, pelos seus ótimos trabalhos publicados na Revista do Clube dos Escritores de Piracicaba e no jornal A Tribuna Piracicabana. Homero Anefalos também estará sendo homenageado nesse mesmo local e data, recebendo o Colar da Ciência.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira n° 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Patrono - Fernando Ferraz de Arruda

Conheci o Fernando quando comecei a participar das reuniões do Clip – Centro Literário de Piracicaba, por volta do ano de 1997.

A primeira impressão que tive foi a de uma pessoa tímida, de poucas palavras. Mas, com o decorrer do tempo, fui me familiarizando com seu jeito educado e sempre gentil de ser, e pude conhecer um pouco mais acerca de sua personalidade.

Seus poemas sempre enalteciam a família, principalmente a esposa, as filhas queridas e os muitos amigos que amealhou ao longo da vida.

Piracicabano, nascido em 10 de novembro de 1925, foi casado com Maria Odete Bortoleto Ferraz de Arruda e teve duas filhas, Renata e Mariana Ferraz de Arruda.

Cursou odontologia na USP, em São Paulo. Formado em 1952, atuou como dentista no SESC, trabalhando depois como dentista efetivo do Serviço Dentário Escolar. Retornou a Piracicaba nos anos sessenta.

Publicou em 2004, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, o livro “A Encantada Curva do Rio”, no qual conta histórias vividas em Piracicaba. Como todo poeta piracicabano, cantou as belezas de sua cidade e do rio Piracicaba.

Era filho de Antônio Ferraz de Arruda Pinto e de Candida Doria Ferraz. Eram seus irmãos o doutor Lúcio Ferraz de Arruda e Celina Ferraz de Arruda.

Classificou-se em segundo lugar no Festival Literário da 3ª Idade, tema “Brasil 500 Anos”, promovido pela ESALQ/USP em 2000, com a poesia Ibirapitanga, sendo o prêmio um relógio de bolso que ostentava sempre com muito orgulho. Compôs até um sone-

to, “Reloginho de bolso”, demonstrando toda a sua felicidade por essa conquista.

Fernando aposentou-se em 1995. Participou das reuniões literárias enquanto sua saúde permitiu, sempre em companhia do primo e também poeta, Francisco de Assis Ferraz de Mello.

Faleceu em 2 de dezembro de 2007, aos 82 anos de idade.

Seguem algumas produções literárias do meu patrono:

RENATA E MARIANA, FILHAS QUERIDAS

Somente Deus nos dá riqueza tal,
Assim tão bela, como a linda flor.
A flor, em pétalas de vivo amor,
De vivo amor, sublime e maternal.

Somente Deus nos dá presente igual
À filha, ou ao filho encantador,
Um mimo assim vital, continuador,
Continuador de alguém mais especial.

A Renatinha, agora em faculdade,
Já ri melhor, em seu aniversário.
E Marianinha enfrenta o colegial.

Um colegial de ensino soberano,
São pois, de idade nova e, por bondade,
Com Deus, no coração super-humano.

ÀS MÃES

(Para Odete querida)

A mãe é, especialmente considerada
Por Deus imenso, onipotente,
Também é, em tudo, iluminada,
Pela luz do luar dos olhos de Maria.

Maria, a santificada Maria, a Mãe
De Jesus, sofreu imensamente.
Pelo sofrimento de seu Filho Santo,
Sofreu muito, merecendo o seu sagrado manto.

Em toda parte, julgo e garanto,
As mães são vistas com respeito tanto,
Ao verem o filho chegando da escola,

Onde se aprende a ser alguém,
Elas são felizes, ao verem o filho de coração sem susto
Vindo da escola, onde se aprende a ser meigo e justo.

RELOGINHO DE BOLSO

(Para Carmen Pilotto, Chico Mello e à Esalq)

Segundo por segundo o tempo passa,
Enquanto o ponteiro se desloca
No rico relóginho que me toca:
Lembrança desta ESALQ, nesta praça.

Terceira idade, ah! Veja, é grande graça!
Um prêmio deste, não, nunca se troca!
Aqui, meu sonetinho; por lá beijoca
Da ESALQ, como prêmio, tanto engraca.

O relóginho fino ou elegante,
Até me engrandeceu demais, além.
Um prêmio é sempre um prêmio, e relevante.

Conduz o ser humano só ao bem.
Pequenino assim, mas, serve o bastante.
Igual ao tão famoso Big Ben.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA NEGREIROS ATHAYDE

Cadeira nº 34 - Patrono: Adriano Nogueira

A cadeira nº 34 da APL

Conheci Adriano Nogueira no ano de 1971, nos corredores da Faculdade de Direito do IEP (atual UNIMEP), quando de seu ingresso no então Curso de Ciências Jurídicas e Sociais, do qual era eu segundanista.

Coleguismo de acadêmicos, a princípio, discutindo questões ligadas ora com o andamento dos estudos, ora com a demora de reconhecimento da Faculdade pelo MEC, ora fazendo digressões sobre os chamados “anos de chumbo” e padecendo juntos da mesma asfixia de ideias, ideais e sonhos da juventude da época, imposta pela ditadura militar.

Mas, apesar disso, havia espaço também para as noites degustadas e bebericadas nas confraternizações do Diretório Acadêmico de Direito, ali na Rua Rangel Pestana, num tempo em que cada Faculdade tinha o seu próprio Diretório, e neste era possível perceber o surgimento do sentimento mais puro que identifica o universo estudantil : o espírito acadêmico, esse substrato mágico que permeia a diversidade de indivíduos, e acaba por uni-los para sempre num magma de amizade e afeição.

Algum tempo após nossas formaturas, voltamos a ombrear em novas lutas, desta vez como profissionais do Direito, participando do mesmo escritório de advocacia, convívio esse que perdurou por pouco tempo, quando Adriano decidiu-se pelo funcionalismo público, ingressando no Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo, e ali permaneceu até sua aposentadoria, após o que entregou-se de corpo e alma ao magnífico projeto da criação e edição do Jornal literário “Linguagem Viva”, em parceria com a poetisa Rosani Abou Adal.

Na verdade, nem foram longos meus tempos de convivência com a pessoa de Adriano Nogueira, afastados pela distância entre São Paulo e Piracicaba e pela diversidade das atividades que exercíamos. No entanto, se a convivência não foi extensa, nem por isso o liame surgido nos bancos acadêmicos deixou de se consolidar no tempo e com o tempo, na medida em que os raros reencontros serviam

para renovar sempre a substância e identidade daquela amizade. Em 1985, convidei-o para padrinho de meu primogênito Marco Aurélio.

Estranho que, embora divergíssemos sempre em termos de ideologias políticas, tal fato não provocava nenhum distanciamento entre nós, talvez porque cultivássemos a mesma pureza de ideais e porque bem compreendíamos a infância dos nossos sonhos.

Nem mesmo a política estudantil nos abalava. Basta dizer que foi para ele que perdi, pela primeira vez, uma eleição estudantil, é justamente quando disputamos a presidência do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito. Lembro-me de que, sem nenhuma amargura, nenhuma mágoa, acompanhei-o na comemoração dessa vitória, ali no Bigeto, em noite memorável de amizade e descontração, e sobretudo, de respeito mútuo.

Adriano era, na verdade, uma grande alma, dessas almas grandes que dignificam o substrato de humanidade que existe em cada um de nós; e como convem às almas dessa natureza, era um homem simples em todos os aspectos : no modo de ser, de falar, de vestir, de conviver.

Era um literato, e conhecia a fundo o universo das letras, sem nunca dar-se ares de estudada intelectualidade. Era um poeta, e de finíssima sensibilidade; e, embora pouco se tenha dedicado a trilhar as diáfanas veredas de Parnaso, deixou-nos pérolas encantadoras, demonstrando rara criatividade e inspiração poéticas.

Piracicabano apaixonado por sua terra, não economizava homenagens aos grandes valores morais e intelectuais que aqui pontificaram, culminando por publicar o seu “Registros Literários”, divulgando nomes e obras de poetas e escritores locais que, ao longo do tempo, dignificaram as letras piracicabanas. Não pode, contudo, concluir o projeto de publicar outras edições dessa obra, com que ampliaria o registro do panorama da Arte Literária de Piracicaba. Faleceu antes disso, deixando interminado o trabalho.

Tenho para mim que a escolha de seu nome para Patrono da Cadeira nº 34 da nova Academia Piracicabana de Letras resultou de ato da mais pura justiça, posto que esta se patenteia quando, mesmo no universo das paixões humanas, vislumbra-se o reconhecimento da legitimidade do verdadeiro mérito.

E a mim, a quem coube a honra de poder escolher ADRIANO NOGUEIRA por meu Patrono na Galeria de Acadêmicos da APL, resta-me o compromisso e a responsabilidade de dignificar-lhe o nome, e esforçar-me por fazer jus à sua dimensão como pessoa, como cidadão, como profissional e, também, como inesquecível literato.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira n° 35 - Patrono: Prudente José de Moraes

Biografia de Prudente de Moraes

Prudente José de Moraes Barros⁽¹⁾ nasceu em Itu em 4 de outubro de 1841 e faleceu em Piracicaba no dia 3 de dezembro de 1902, filho de José Marcelino de Barros e Catarina Maria de Moraes. Órfão de pai aos dois anos, inicialmente frequentou o Colégio Ituano. Aos treze anos ingressou na escola do mestre Manoel Estanislau Delgado. Com o apoio da sua mãe passa estudar na capital da Província, matricula-se no Colégio de João Carlos Fonseca. Aos dezoito anos Prudente ingressa na Academia de Direito, cursando paralelamente um curso de filosofia. Teve uma vida acadêmica bastante participativa juntamente com colegas como Campos Sales, Teófilo Otoni, Rangel Pestana, Francisco Quirino dos Santos, Paulo Eiró, Bernardino de Campos.

Sua mãe contraiu casamento em segundas núpcias com Caetano José Gomes Carneiro, viúvo de Florisbela Gomes Carneiro. A família adquiriu uma propriedade agrícola em Constituição. Aos vinte e três anos, Prudente recebe seu diploma de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, montando sua banca de advogado na Rua Boa Morte. Sua competência o projeta para a vida política. No dia 28 de maio de 1866 Prudente casa-se com Benvinda da Silva Gordo, em Santos; são seus sogros Antonio José da Silva Gordo e Ana Brandina de Barros e Silva. Em 1870 passa a residir na casa situada à Rua Santo Antonio, esquina com a Rua Treze de Maio, onde hoje é o Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes. Em 1864, ainda solteiro, já aparece como mesário da Mesa da Assem-

1 *A grafia do sobrenome de Prudente aparece nas duas formas: "Moraes" e "Moraes". Optamos Moraes por ser esta a grafia adotada pelo Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes.*

bleia Paroquial. Para o quadriênio de 1865 a 1869 foram eleitos 13 vereadores em Constituição, sendo Prudente eleito vereador com a maior votação e escolhido como Presidente da Câmara. Houve recurso de um ex-vereador contra a eleição de Prudente de Moraes, alegando-se o pouco tempo que ele residia na cidade, fato contestado pelo fato de ele estar ausente em função dos seus estudos, mas sua família aqui residia, e ele no período de férias escolares permanecia em Constituição. Nos pequenos detalhes é que se percebe o caráter e a competência de Prudente. Pareceres originais de sua autoria estão guardados no arquivo da Câmara Municipal, nos quais, além de competência e capacidade de síntese, mostra a sua característica de pessoa econômica: pareceres ou projetos de leis eram escritos em simples tiras de papel. Em uma tira de papel lê-se a indicação: “Indico que a Câmara mande abrir sarjetas calçadas na Rua Quitanda (Atual XV de Novembro), no quarteirão entre as ruas Alfes José Caetano e do Rosário, Sessão de 7 de janeiro de 1888. Prudente de Moraes”. Foi aprovada. Em maio de 1887, Prudente de Moraes apresentou, em parceria com Dr. Paulo Pinto, projeto de lei para regulamentar o funcionamento do mercado nesta cidade. O mesmo continha 32 artigos, um trabalho perfeito e completo. Seu irmão, Dr. Manoel de Moraes Barros, advogado da câmara, pediu exoneração do cargo, alegando não precisar a edilidade de seus préstimos, por ser Dr. Prudente um homem letrado. As reuniões da câmara eram feitas no início de cada quadrimestre, seguindo-se reuniões diárias, até o esgotamento das matérias. Como vereador Prudente produziu muito à cidade, participou na elaboração de importantes matérias que regulamentaram a vida da comunidade, sempre com suas características pessoais, equilibrado, técnico, justo e sobretudo econômico, tratando com zelo o patrimônio público. Prudente de Moraes integrava a campanha abolicionista e também a republicana. Eleito deputado pelo terceiro distrito, ao lado de Antonio Francisco de Araujo Cintra, Jorge de Miranda e Antonio Carlos de Arruda Botelho, ganhou invejável popularidade por defender os interesses do interior da província. Desiludido por não concordar com atitudes de representantes do governo imperial, deixa a Assembleia Paulista e retorna a Piracicaba. Em Itu é fundado o Partido Republicano Paulista, ao qual Prudente de Moraes se filia, deixando o Partido Liberal. Pelo novo partido volta à Assembleia Paulista, defendendo a ideia de substituir a monarquia pela república. Pouco antes da

proclamação da república Prudente de Moraes recebe em sua casa telegrama solicitando sua ida urgente para São Paulo. Em 16 de novembro de 1889, juntamente com Souza Mursa e Rangel Pestana, passa a fazer parte do Governo Provisório do Estado. A 3 de dezembro é designado para Governador de São Paulo. Dois telegramas históricos:

**“Ordem do Governo Provisório
Presidente da Câmara Municipal
Piracicaba**

Foi hoje empossado o Governo provisório do Estado de São Paulo, composto dos Srs. Prudente de Moraes, Rangel Pestana e Coronel Mursa. Já entraram em palácio e estão dirigindo o expediente. Faça público, perfeita ordem e paz.

Agência Cidade 16-11-89”

“Palácio do Governo

Do Estado de São Paulo, 14 de dezembro de 1889.

Comunico-vos, para vosso conhecimento e devidos efeitos que, nesta data, tomei posse e assumi o exercício do cargo de Governador deste Estado, para o qual fui nomeado pelo governo Federal, por decreto de 3 do corrente mês.

Saúde e Fraternidade

Prudente José de Moraes Barros

“Aos cidadãos Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Piracicaba”

Ao deixar o governo, Prudente de Moraes elegeu-se Senador da República, presidindo a constituinte (1890-1891). Disputou numa eleição indireta, e perdeu a presidência da república para o Marechal Deodoro da Fonseca, eleito por 129 votos. Presidiu o Senado até o fim do mandato. Em 15 de novembro de 1894 assumiu como Presidente da República, eleito por voto direto, para suceder ao Marechal Floriano Vieira Peixoto. Recebeu 276.583 votos, teve como vice-presidente o médico Manuel Vitorino Pereira.

Além de ser o primeiro presidente civil da república, Prudente de Moraes foi a escolha mais acertada para administrar um país com graves conflitos internos. A passagem do cargo para Prudente de Moraes não foi aceita com muita facilidade por alguns setores. Ao chegar à estação de trem no Rio de Janeiro não encontrou

qualquer comissão para recebê-lo. Teve que seguir de carro alugado até a residência oficial. No Palácio do Itamaraty, que era a sede do poder presidencial, sequer encontrou seu antecessor, o Marechal Floriano Peixoto. O que viu foi um cenário de guerra: garrafas quebradas, móveis destruídos e até estofamentos rasgados a golpes de baioneta. Dedicou todos os seus esforços à pacificação das facções, que tinham em seus extremos os defensores do governo forte de Floriano e os partidários da monarquia. Teve que se esforçar muito contra as medidas antiinflacionárias do governo e a queda do preço do café no mercado mundial. Prudente de Moraes ficou conhecido como o Pacificador. No Rio Grande do Sul encerrou a Revolução Federalista através de um tratado de paz e no sertão baiano teve que combater uma revolta liderada por Antônio Conselheiro, conhecida como Canudos, em 1897. Externamente, o presidente Prudente de Moraes precisou interferir em um incidente diplomático que envolvia o Brasil e a Inglaterra em 1896. Sem nenhum motivo, a Inglaterra invadiu e ocupou a Ilha de Trindade, mas felizmente o presidente resolveu a questão de forma favorável ao Brasil. No âmbito pessoal, Prudente de Moraes sofreu um atentado⁽²⁾ no dia 5 de novembro de 1897, no qual seu Ministro da Guerra, Marechal Carlos Machado Bittencourt, foi ferido em seu lugar e acabou falecendo. Apesar de todas as dificuldades, traçou e realizou uma inteligente política econômica, negociou com os banqueiros ingleses a consolidação da dívida externa, operação financeira que ficou conhecida como *funding loan* (fundo de empréstimo), com seus ministros da Fazenda, Rodrigues Alves e Bernardino de Campos, base da política executada por Joaquim Murinho no governo de Manuel Ferraz de Campos Salles. Foi capaz de firmar definitivamente a República e reatar as relações diplomáticas com Portugal. Isso fez com que Prudente de Moraes desfrutasse de grande popularidade no fim do seu mandato.

2 “Fim da Campanha de Canudos em 1897, o marechal Bittencourt voltou ao Rio de Janeiro, capital da República à época. A 5 de novembro do mesmo ano regressavam as forças que haviam lutado no sertão baiano. A tropa desembarcou do navio Espírito Santo e foi recepcionada pelo presidente da República, Prudente de Moraes. Durante as honras militares, saiu das fileiras do 10º Regimento de Infantaria o ansepeçada (na ocasião, uma graduação entre soldado e cabo) Marcelino Bispo de Melo, 19 anos, que sacou de um punhal e arremeteu-se contra o presidente. Bittencourt correu a salvar o chefe do Executivo e o fez com o ônus da própria vida”.

Após deixar o cargo foi sucedido por Campos Sales e retornou para Piracicaba, onde continuou exercendo trabalhos de advocacia durante alguns anos, até adoecer por conta de uma tuberculose e falecer no dia 3 de dezembro de 1902. Imediatamente após a sua morte a população saiu às ruas de Piracicaba, a chuva grossa que cobria a cidade misturava-se às lágrimas dos que pranteavam a morte de um homem justo e fiel a seus princípios, um verdadeiro estadista.

Referências:

ARRUDA, Nélío Ferraz. *Biografia de Prudente de Moraes*, Serviços Gráficos Degaspari Ltda, s.d.

VITTI, Guilherme, *O vereador que se tornou presidente*, Serviços Gráficos Degaspari Ltda, s.d.

BIBLIOTECA NACIONAL, *Revista História*, página 84, ano 5, número 58, 2010, Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional

CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO, *Marechal Bitencourt*.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTICadeira nº 36 - Patrona: **Olívia Bianco****Olívia Bianco**

Olivia era filha do italiano Francisco Bianco e de mãe mineira, Júlia Amélia de Moraes Bianco. Em Piracicaba, sua família possuía um negócio sito à Rua do Comércio, hoje Rua Governador Pedro de Toledo, esquina com a Rua São José, onde atualmente há um prédio, com seu nome. Com a morte prematura da mãe, ela, a irmã mais velha, Maria Inês Bianco e a caçula, Izaura, ficaram sob os cuidados de Benedita Soares de Mello, negra alforriada, conhecida por Dita, a qual era muito querida por todas.

Na época de seu nascimento, sete de maio de 1883, Piracicaba contava com vinte e dois mil habitantes, incluindo a população rural, que era expressiva e contava com escravos para cuidar das duas principais riquezas do local: o café e a cana. A monarquia, que era o regime do governo, estava com seus dias contados, para ceder lugar à República. Quando esta ocorreu em 1889, os moradores pertencentes às classes sociais médias foram tomando consciência da importância do estudo na vida dos filhos. Seus filhos passaram a frequentar a escola. Para tal, foram criados inicialmente em Piracicaba colégios confessionais, como foi o caso do Kindergarten do Colégio Piracicabano e o curso primário dirigido pela pioneira Miss Martha Watts. Olívia foi uma dessas alunas, cursando inclusive o Inglês. Também havia na cidade o Colégio Nossa Senhora da Assunção, dirigido por freiras, o qual atendia os filhos de alunos de classes mais conservadoras.

Ao lado dessas escolas confessionais, houve a introdução de escolas públicas, para atender as crianças das diferentes famílias que escolhiam a cidade para morar, em decorrência da expansão econômica paulista. Foi assim que foi criada a Escola Complementar, para formação de futuros professores, onde Olívia, após um curso brilhante, se formou em 1900, tornando-se professora antes de completar dezoito anos, fazendo parte da primeira turma de educadores

de Piracicaba.

Como gostasse muito de estudar e ensinar, buscava aprimorar-se através de novos cursos, no Brasil e exterior. Foi para a Europa no ano de 1914, onde se aprofundou no estudo de línguas estrangeiras, como o inglês, alemão, francês, tornando-se poliglota e professora polivalente. Ao lado das línguas cursou enfermagem, diplomada pela Escola da Cruz Vermelha de Piracicaba, em 1921. Este curso lhe permitiu ser enfermeira junto à Santa Casa de Misericórdia local. Colaborou nesse particular com Branca de Azevedo, por ocasião da Revolução Constitucionalista.

Exerceu os cargos de professora primária, professora do curso complementar anexo à Escola Normal de Piracicaba; lecionou Francês, Inglês, Ginástica, assistente da 1ª Secção (Educação) do Curso de Formação Profissional da Escola Normal de Piracicaba, diretora do Curso Primário deste estabelecimento de ensino e professora na então Escola de Comércio Cristovão Colombo, já extinta. Foi colaboradora da "Revista de Educação", publicada pela Escola Normal de Piracicaba, entre 1921 e 1923. Ela e outros educadores de renome pretendiam, através dela, formar um ideário pedagógico e educacional para os futuros professores.

Consciente do seu papel na comunidade, em pleno desenvolvimento, fundou uma escola noturna para mulheres operárias. Também ministrou aulas gratuitamente, preparando inúmeros jovens pobres para o ingresso no ensino público.

Neste ano de 2010, decorridos mais de cinquenta anos do seu falecimento, temos o depoimento de um grande educador piracicabano aposentado, Professor Cornélio T. L. Carvalho, que deu seu testemunho, o qual demonstra a preocupação e empenho da Professora Olívia Bianco, na formação de honestos cidadãos:

"De posse da informação, a decorrência dos fatos depende do indivíduo, de suas escolhas, de sua potencialidade e de sua coragem.

"Em 1943, devido aos contactos de minha mãe, então doméstica em casa da família Tricânico, fui apresentada às professoras Niobe Tricânico e Olívia Bianco.

"Por iniciativa dessas bondosas senhoras iniciei meus estudos no Colégio Piracicabano, onde, na qualidade de bolsista, frequentei o curso de preparação, o ginásio e o colegial entre 1943 e 1950. Sempre como bolsista."

Ao lado do amor ao trabalho educacional, era grande apre-

ciadora das artes, dedicando-se especialmente à música. Participou de muitos saraus artísticos, nas festas de caridade, representações teatrais, liderados por Lydia de Rezende, pertencente à família de grande proprietário rural e dignitário do Império, barão de Rezende.

Não aceitou o pedido de casamento do Dr. Paulo de Moraes Barros, ilustre representante republicano e irmão do Dr. Prudente de Moraes, mantendo-se muito ligada à família, constituída pelas irmãs e os sobrinhos Silvio, Mariquinha, Niobe, Regina e Marina. Esta última se destacou como grande escritora e poetisa.

Conclui-se que Olívia Bianco foi autêntica educadora e, como tal, desempenhou com galhardia o seu papel de promover crianças e adolescentes, sendo raros os alunos que estudaram até 1939 (data de sua aposentadoria), que não receberam seus sábios e eficientes ensinamentos.

Muito justo, portanto, a sociedade piracicabana prestar-lhe homenagem, dando-lhe o nome à Escola de Primeiro Grau, do Bairro Jaraguá.

Agradeço a valiosa colaboração da Professora Vera Alice Castro Schiavinato, da Escola Estadual Prof^a Olívia Bianco, e da Assistente de Direção, Prof^a Rosa M. Cadorim de Moraes, fornecendo dados biográficos e artigo do “Jornal de Piracicaba”, anos 1989-90, escrito pela Prof^a Marly Therezinha Germano Percin, historiadora e acadêmica da APL.

Igualmente ao Professor-Orientador e Supervisor de Ensino Aposentado Cornélio T. C. Carvalho, pelo depoimento pessoal.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI
Cadeira nº 37 - Patrono: Sebastião Ferraz

Um jornalista e tanto

Tinha a verve jornalística circulando-lhe pelo sangue. Tinha no cérebro peregrino a vocação para a notícia, o debate, a polêmica, a crítica, o louvor merecido, o estilo generoso. Sabia duelar nas boas causas, transmitir exatidão, aprofundar conceitos e debelar erros. Sua palavra, colocada em linhas de uma página de jornal, fulgurava como o raio em meio à tempestade, castigava, mas levava também, quando exigido, o frescor de uma brisa da tarde, a luz de um dia que desponta, a profundidade de uma sonda petrolífera, a beleza de uma noite de luar. Deitava, dormia, acordava, com alma recheada de ideias, cultura, notícias, e uma vontade irresistível de dizer, escrever, transmitir, debater, acertar, louvar e, quando necessário, dizer não aos desaforos da vida e do homem.

Conheci-o como diretor de “O Diário de Piracicaba”, em cujas páginas, diariamente, transmitia sua alma jornalística, vergastava aquilo de que discordasse, por prejudicial à cidade ou ao povo, mas tecia louvores ao bom, ao belo, ao exato, à luta do dia-a-dia da sociedade, com toda a sinceridade profissional de que era capaz. Com toda a contundência das páginas que vinham de seu trabalho, sempre ao fulgor da verdade e do brilhantismo de seu teclado, guiado por uma mentalidade ímpar de justiça, de vontade, de necessidade de vitória.

Tinha o jornalismo no sangue, disse eu acima. Por isso muitas vezes o sol nascente vinha iluminá-lo ainda na redação de seu jornal – O DIÁRIO – cuja circulação marcou época na história do jornalismo piracicabano. E tudo quanto merecesse ser digno de sua vocação, lá estava fulgurando nas páginas do matutino, para adentrar, ao raiar do dia, com hombridade, respeito e estima, o lar dos assinantes e dos leitores amigos, levando as boas e as más notícias, os belos artigos de colaboradores e o noticiário local, dos poderes públicos e do mundo inteiro. Como aliás merecem as famílias pi-

racicabanas que amam seus diários jornalísticos, pela verdade, pela exatidão, pela beleza, pela poesia e prosa que neles se inserem.

Quem é, me perguntais, esse de que tão bem falas aqui, meu caríssimo conterrâneo? Ora não é charada nenhuma. É o meu patrono de Academia Piracicabana – o ínclito jornalista Sebastião Ferraz.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA EMILIA LEITÃO
MEDEIROS REDI**

Cadeira n° 38 - Patrono: Elias de Mello Ayres

“Prof. Elias de Mello Ayres”

Um homem... uma história

Na bela Capivari, interior de São Paulo, aos dois de Junho de 1890, veio ao mundo o filho do farmacêutico Elias Cândido Ayres e da senhora Maria Custódia de Anhaia Mello, de tradicional família paulista, que seria um homem, um artista e cidadão à frente de seu tempo. Casou-se, em 1913, com a professora Maria Amélia de Aguiar Ayres, desta feliz união nasceram os filhos: prof^a Maria Aparecida de Aguiar Ayres Guimarães, casada com Guilherme Pereira Guimarães; prof^a Maria Benedicta de Aguiar Ayres Santoro, casada com José Santoro; prof^a Maria Cecília Ayres Guidetti Zagatto, casada com o dr. Alcides Guidetti Zagatto; prof^a Maria Stella de Aguiar Ayres (Irmã Missionária da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado – Irmã Maria Stella da Eucaristia); prof. Dr. Geraldo Claret de Mello Ayres (engenheiro agrônomo e professor universitário), casado com Jurema Rostom de Mello Ayres. O casal Elias e Maria Amélia teve 29 netos.

Elias de Mello Ayres iniciou seus estudos, aprendendo brilhantemente as primeiras letras, no Grupo Escolar de Rio das Pedras, São Paulo. Contemporâneo e colega de Thalles de Andrade e Sud Mennucci, efetuou sua formação acadêmica na Escola Complementar de Piracicaba; formou-se professor em 1910. Em 1920, assumiu a cátedra de Biologia Educacional na Escola Normal de Pirassununga (SP). Em 1936, foi transferido para a Escola Normal Oficial de Piracicaba, hoje “Sud Mennucci”. Aposentou-se em 1952, pela Escola Normal Oficial “Plínio Rodrigues de Moraes”, da cidade de Tietê (SP); em Piracicaba, lecionou até sua morte no Colégio Nossa Senhora D’Assunção, das Irmãs da Congregação de São José.

O magistério foi uma das suas paixões!

Elias de Mello Ayres era também um artista. Com apenas 14 anos de idade foi regente da Banda de Música de Rio das Pedras (SP). Grande letrista e poeta, deixou-nos centenas de composições poéticas e hinos oficiais para escolas de Piracicaba e do Estado de São Paulo. Fez parceria com os inesquecíveis Erotides de Campos, maestro Benedito Dutra Teixeira e o maestro Fabiano Losano, para quem compôs a letra do famoso hino "Rumo ao Campo". É de sua lavra, também, a letra do hino do Colégio Assunção, da Escola Prudente de Moraes, da escola José Romão, entre tantas, bem como a letra do hino oficial da cidade de Pirassununga (SP), em parceria com Antenor de Godoy, autor da música.

Como Jornalista, foi grande colaborador do "Jornal de Piracicaba", em variadas crônicas e artigos, enfocando principalmente a educação, o civismo e exaltando as belezas de Piracicaba. Escreveu diversos contos cívicos e deixou grande material inédito.

Este nobre cidadão norteou seus passos na honra e civismo inigualáveis, permanecendo até hoje um exemplo de honestidade, inteligência e sensibilidade moral e cívica.

Cidadão prestante, foi mesário-secretário da Mesa Administrativa da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba, Membro do Conselho Coordenador das Entidades Cívis de Piracicaba e Orador Oficial da Cultura Artística desta nossa amada Noiva da Colina.

Criou em nossa cidade a Semana da Criança, na década de 1940, realizando atos pertinentes à criança lactente, à criança que estuda, à criança que trabalha, à criança doente.

Possuidor de grande espírito humanitário, cívico e democrático, deixou filhos e esposa, partindo com o 2º Batalhão Pirassununguense de voluntários constitucionalistas para a frente de luta na Revolução Constitucionalista de 1932.

ELIAS DE MELLO AYRES, um grande homem, esposo, pai, professor, poeta, letrista, orador, jornalista, é exemplo de uma vida de Trabalho Honrado, de Encanto, de Cultura e Civismo, provando que viver e ser feliz é, acima de tudo, ser participante e construtor da História.

Hoje, mui honrada, escrevo sobre a vida deste grande homem que, além de ser o patrono da Escola Professor "Elias de Mello Ayres", na qual me aposentei no exercício do magistério, é, também, o meu Patrono na Academia Piracicabana de Letras.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz

Este Luiz de Queiroz que eu amo

Material para falar sobre Luiz de Queiroz encontra-se nas mais diversas formas, como livros, jornais, revistas, no “Google” atualmente, em sites... É só procurar e copiar, e isso, qualquer um de nós pode fazer. Contudo, meu grande amor e respeito por ele tiveram início desde minha adolescência, quando vinha passar as férias em Piracicaba na casa dos meus avós e não me cansava de pegar o bondinho, com minhas tias, e “passar na Escola Agrícola”. Muito pelas belezas naturais (tantas árvores deslumbrantes, plantações e, também, as dezenas de prédios e casas — de funcionários, professores e diretores — uns já prontos, outros em construção para moradias, aulas, estudos e laboratórios futuros... Sempre percebi muito movimento lá...). E, então, cada vez mais crescia a minha admiração pelo homem sempre magnífico que demonstrou ser em seus sonhos e anseios de “fazer uma escola agrícola prática para ensinar a arte da agricultura valorizada pela experimentação necessária no sentido de promover uma produção agrícola sustentável para o agricultor, com respeito ao meio ambiente, com pouca teoria, mas com as pesquisas necessárias”.

Demonstrou também sua grandeza por suas obras e objetivos não só em prol de alunos, que seriam instruídos e formados em Piracicaba, daqui levando para outras plagas as bagagens de conhecimentos recebidos nesta emérita faculdade de agronomia que se transformaria numa das maiores do mundo, mas também pela potencialidade de trazer em si e levar à tona e a cabo, essa suntuosidade de bens voltados ao progresso. Sobretudo na alimentação saudável do homem que, para a sorte de nossa cidade, de nosso Estado e, principalmente, do Brasil surgiu iniciando aqui em nossa cidade um dia, pelas mãos deste jovem agrônomo e ser humano batalhador dos mais valorosos, visionário por vocação dos mais criativos

e competentes, nas suas ideias incríveis de avanço, sobretudo na área agrícola de um país. Luiz de Queiroz rompeu todas as barreiras possíveis, indo mostrar em outros lugares do mundo a riqueza de compartilhar sua participação inestimável!

Por essas e por tantas outras questões amo Luiz de Queiroz! Pela sua genialidade e sagacidade, pulso firme e forte, que nada fazia desanimar ou desistir de seus sonhos. Amo esse tipo de gente! Amo a derrubada de barreiras e o desafio que parece sempre querer destruir tudo o que necessita de dedicação, carinho e afinco para se chegar lá. Por isso fiz de Luiz de Queiroz meu patrono na Academia Piracicabana de Letras, da qual hoje exerço o cargo de presidente. Com muito orgulho, principalmente por levar adiante o nome e o prestígio desta figura exuberante e bem resolvida desde tempos passados, quando os tabus eram mais ferrenhos ainda, os preconceitos e as dificuldades, grilhões a pretender derrubar ou não deixar florescer ideais, pelo simples fato da acomodação, da inércia, inanição ou indiferença (por que não dizer, por falta de capacidade e competência?). Vaidades que perderam seu lugar, em confronto com o dinamismo e perseverança de Luiz de Queiroz, que foi o grande vencedor.

Luiz de Queiroz não teve um monumento à sua altura. Não foi possível! Como diz a placa em frente ao prédio principal da Esalq: “A Luiz Vicente de Souza Queiroz, o teu Monumento é a tua Escola”. Magnífica e eficiente homenagem àquele que, levantando sua bandeira de fé em realizar um ensino maior para grandes conquistas nacionais e internacionais, traz com ele até os dias de hoje, a glória de seu desejo concretizado no seu magnífico projeto de cultura, eficiência e amor para um mundo melhor.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA
STEFANI**

Cadeira n° 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Meu patrono

Meu patrono, titular da cadeira n° 9 da Academia Piracicabana de Letras, é o biólogo José Maria Ferreira, nascido em Piracicaba, a 21 de novembro de 1941, e aqui mesmo falecido, no dia 17 de fevereiro de 1991, antes mesmo de atingir os 50 anos de vida.

Seu curso universitário foi realizado em Rio Claro, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras daquela cidade. Concluiu-o em 1965. Prosseguiu estudos na Universidade de Edimburg, na Escócia, e cursou teatro na Universidade do Estado da Flórida, nos Estados Unidos, entre 1977 e 1978.

Foi, além de biólogo e professor de Biologia, escritor, poeta, jornalista, crítico de cinema.

Teve intensa participação na vida cultural e na imprensa de nossa cidade. No Jornal de Piracicaba, foi co-editor do suplemento cultural Panorama. Publicou numerosos artigos e estudos sobre cinema, teatro, sobre cultura em geral. Segundo Cecílio Elias Netto, José Maria Ferreira *“foi um dos mais completos intelectuais piracicabanos nas últimas décadas do século XX”*.

Foi homenageado, por iniciativa da Câmara Municipal de Piracicaba, com a adoção de seu nome

Pessoalmente, muito devo a ele. Foi ele quem descobriu, em mim, a vocação para a Fotografia. Minha primeira exposição individual de fotografias foi feita no SESC de Piracicaba, por iniciativa e convite de José Maria Ferreira. Passar pelo crivo dele foi, para mim, um grande orgulho. Na época, mesmo já tendo conquistado antes prêmios internacionais, o apoio de José Maria Ferreira foi como um passaporte para engrenar no mundo artístico da nossa cidade.

A ele dedico uns versos que escrevi em 10/12/2005:

Queria uma tempestade.

Uma chuva, já seria bom.

Um copo de água, até que mataria a sede.
Uma gota já me faria melhor.
Já que nada disso pode ser,
Deixe, então,
Apenas minha lágrima na tua mão.

COLABORAÇÃO DA ACADEMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachella

Crônica de Maria Cecília

Maria Cecília Machado Bonachella — minha sobrinha, filha de meu irmão mais velho, José Luiz, e Maria Lavínia Sardinha, naturais de São Simão, SP, a quem escolhi Patrona de minha cadeira número 24, da Academia Piracicabana de Letras, nesta segunda fase de atividades — nasceu em Franca, em 16 de outubro de 1940. Seus pais tinham viajado em visita a parentes, àquela época residentes na chamada “Franca do Imperador”, bela cidade paulista, quase divisa de Minas Gerais. Ali ela veio ao mundo, embora toda sua infância tenha transcorrido em São Simão, onde fez os primeiros estudos escolares. Terceira filha de seis irmãos, a família mudou-se para Piracicaba quando ela estava com onze anos, e aqui radicou-se para sempre. Fez o ginásio e se formou para o magistério, no Colégio Assunção; a saúde delicada não lhe permitiu altos voos nos estudos. Um reumatismo articular agudo, adquirido muito cedo, trouxe-lhe em consequência uma lesão cardíaca, com a qual conviveu durante toda a vida. E foi, sem dúvida, a limitação física, o fator decisivo que levou a menina, desenganada pelos especialistas, a uma vida introspectiva mais acentuada, voltada para o sentimento do transitório, onde prevaleceu o misticismo, e à inclinação poética.

Em sua história houve sempre um fator decisivo a ligar a vida àquele arcabouço mais sutil da alma, onde se teceram as filigranas de uma sensibilidade invulgar, tocada de nostalgia, que se derramaria por toda a produção artística.

Desde cedo, o interesse pelos livros e os poetas acentuou-se, auxiliado pelos pais, cultos e amantes da boa leitura, que descobriram seu talento precoce e o estimularam, na condução dos clássicos da literatura, na redação, e no aprimoramento da língua. Uma forma inteligente de desviar a criança dos espectros de uma previsão médica, segundo a qual não chegaria aos 20 anos, o que, felizmente, não ocorreu.

Contrariando esta previsão, casou-se com Nelson Bonachella, deu à luz três filhos, duas mulheres e um homem: Maria Beatriz, Nelson e Maria Cecília, amamentou-os e os criou, conduzindo-os na formação e participando de suas experiências, tendo ainda convivido com o casal de netos, filhos do casamento da caçula que tem seu nome. Sob uma aparência de fragilidade, escondia-se a grande força interior que caracterizou toda a sua trajetória humana. Sua atividade física e intelectual sempre foi ininterrupta (salvo nas fases mais críticas da saúde), tanto nos afazeres domésticos e na dedicação à família, como nas várias atividades culturais, criando e presidindo dois clubes literários, Clip (Clube Literário de Piracicaba) e Golp (Grupo Oficina Literária de Piracicaba), além da coordenação da página literária “Palavras & Versos”, do Jornal de Piracicaba, durante algumas décadas, por meio da qual incentivou, conduziu e promoveu expressivo número de poetas e de escritores. De maneira natural e espontânea, ela partilhava com os colegas o conhecimento e o traquejo adquiridos, sem imposição ou arrogância, mesmo quando necessária a correção, o que também fazia na revisão de obras em prosa e verso a serem publicadas. Foram muitas essas solicitações.

Apesar do tempo consumido neste trabalho, muitas vezes espinhoso, a criatividade intensa não a abandonava, a julgar pelas inúmeras joias de real valor, deixadas em dois livros próprios, “Três Fases” e “Era uma vez um País”, além da participação em diversas coletâneas de poesias, feitas pelos vates daqui e de outras regiões, num período que se caracterizou pelo surgimento de muitos valores e pela criação do “Prêmio Escriba”, de prosa e poesia, até hoje em pleno desdobramento no país. Deixou também muitos poemas, publicados em jornais e revistas, além de inéditos.

Quando a morte a surpreendeu em 8 de fevereiro de 2007, com a idade de 66 anos e três meses, a escritora Ivana Maria F. de Negri, outra batalhadora, assumiu sem interromper a coordenação do trabalho, agora com o nome de “Letras & Rimas”, uma página que já se incorporou como tradição no Jornal.

Cecília – a doce, frágil e forte poeta que já nasceu cantando e rimando seus versos, antes mesmo de conhecer a vida – “tingiu de ametista os seus sonhos de menina e, no seu coração, viu brotar as violetas com aros espirituais, antes das rosas”, para usar a feliz metáfora de seu professor e amigo, o escritor Mello Ayres, na

apresentação de seu primeiro livro “Três Fases”, um relicário de belos versos.

Sempre senti por Cecília, desde o nascimento, uma certa maternidade espiritual, que se foi sedimentando com a convivência, ao lado da admiração pelo jeito delicado de ser e dos versos que compunha, de forma natural, brotados ao sabor do acaso, por obra e graça do Criador.

Ela me chamava “tia-mãe”, embora a diferença cronológica não fosse tão grande, mas sempre aceitei como justo esse tratamento. Eu sentia nessa criança algo maior, embasado em puro sentimento, algo diferente e mais sutil, todo feito de delicadeza, ternura e beleza. Algo que pode ser definido como Simplicidade, com maiúscula, um traço que sempre marcou sua poesia, que poderíamos caracterizar como a poesia da simplicidade. Sem rebuscamentos, sem outras intenções, sem mesmo saber ainda o manejo e a exigência do verso, a poesia brotava de sua alma, do seu coração, como aquela sementinha, espalhada a esmo, produzindo flores. Flores mimosas e silvestres, flores delicadas e raras.

Flores pequenas que já ensaiavam os compassos da menina que substituíra o brinquedo e a boneca, pelo caderno: “Para ler brincando”: “sou pequena, nada sinto, pouco vejo, nada entendo, Pequenina, Sou Menina!”

A menina que já era capaz de ver o céu e criar imagens como esta Sensualidade: “a lua se despiu sem que ninguém pedisse, para que o céu a visse e apressasse o passo. Foi então, que este céu suou gotas de estrelas pelo espaço...” Ou a menina capaz de imprimir em seus versos aquela melancolia que seria sempre o traço dominante de sua personalidade, e que, numa premonição extraordinária, derramaria nos versos esta joia reflexiva e profunda: “No fundo de mim mesma procuro o outro EU. Esta que ora vive é a que sofre. A outra – mais feliz – essa morreu...”

Assim, lembrando e relendo seus poemas, poderíamos caminhar com Cecília em todas as fases de sua vida que, nas mais diversas circunstâncias, extravasaria no verso a sua alma de artista, e escreveria a história de sua passagem nesse mundo, criando e esgrimando a palavra em jogos admiráveis de metáforas, de comparações e antíteses que talvez nem ela mesma distinguisse como pura criação, por um dom natural de percepção e de acuidade que já vinha sendo treinado desde cedo, por sólida formação humana e

intelectual.

Nossa afinidade espiritual era grande, provinda das mesmas fontes e de raízes semelhantes em que o berço e a família interferiram na formação, na identidade e nas inclinações. Havia espaços para as confidências, os extravasamentos, as alegrias, os sonhos, as inquietações e os temores recíprocos.

Modesta, Cecília jamais supôs em vida que seu nome se projetaria na cidade que adotou como sua, e soube retribuir seu amor. Aqui estudou, casou e constituiu família; aqui viveu e sofreu, sonhou e versejou com enorme capacidade para amar com arrebatamento, e aquela ternura impregnada de tristeza, capaz de permanecer por momentos, horas, dias, meses, anos, e pela vida inteira. Aquele encantamento produzido pela verdadeira arte que ela soube valorizar como mulher e como artista, repetindo um de seus poetas de predileção, “tudo vale a pena se a alma não é pequena”!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO N. ALLEONI
Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca

Francisco Lagreca

(visão sumária do poeta)

A Origem

Pietro Paolo Francesco Lagreca, filho de Benigno Lagreca e Clorinda Campagna, nasceu em 5 de outubro de 1857 na Calábria.

Imigrou para Pernambuco com mais dois irmãos. Um permaneceu em Pernambuco, outro no Rio de Janeiro e o último em São Paulo.

Veio a casar-se em 16 de outubro de 1880 com D. Maria Leopoldina de Castro Lagreca, em Piracicaba. Deste casamento nasceu Francisco Lagreca.

-oOo-

A Obra

Estes versos ornaram o monumento ao Soldado Constitucionalista:

*“Este é o valor da terra estremecida,
É o poema à glória piracicabana!
Pela Pátria a lutar, vida por vida,
Tombaram com bravura soberana!
Dor e martírio de uma raça forte,
Que a luz e o ideal de um sentimento novo!
Sobre estas pedras não existe a morte,
Porque não morre quem defende um povo!”*

-oOo-

*“Bravio, intrépido, indomável,
Como se fossem leões na jaula impenetrável,
O rio, com as jubas crespas, vem rolando,
Vem avançando,
Numa fatal carreira,
Até cair na pedreira.
Ruge, reboa, atroa, fala, canta,
E a espumarada ferve, referve,
sobre o leito,
Que é como o peito
De um imenso gigante.”*

Estas linhas foram escritas quando ele tinha apenas treze anos.

-oOo-

No livro do Centenário do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, localizamos o texto abaixo:

“Há o amparo que nasce da hipocrisia e há o que nasce da sinceridade. O primeiro é fruto podre, caído de almas degeneradas; o segundo é a flor mais pura e mais formosa que todas as flores, e que só viceja no fundo dos corações verdadeiramente humanos. Neste Asilo se encontra o amparo que nasce da sinceridade. É um templo de infinito zelo e de infinita consolação, diante de cujos umbrais o meu pensamento se ajoelha reverente, e faz votos para que se prolonguem pela vida destes pobres asilados, a bondade, o carinho, as raras e imensas virtudes do seu fundador.”

Esta breve visão, juntamente com sua produção de poemas, vem a endossar o homem com visão aquilina e sagaz que se fazia presente no jovem em plena juventude na Noiva da Colina.

Sua obra poética foi publicada postumamente em 1959, “*Poesias de Francisco Lagreca*”, pela Editora José Aloisi Ltda.

-oOo-

O Homem

Nascido nesta cidade, em 11 de março de 1883, Francisco Lagreca estudou no Colégio Piracicabano. Formou-se em Direito na Faculdade do Largo de São Francisco, tornando-se amigo de figuras notáveis da intelectualidade brasileira, tais como Olavo Bilac, Batista Cepelos e René Thiollier. Em 1906, bacharelou-se pelas "Arcadas" famosas e já se tornara conhecido pela beleza de seus versos. Conhecido como "O Poeta de Piracicaba".

Já aos 13 anos de idade, Lagreca se revelara poeta de rara inspiração. Foi quando escreveu o poema "O Salto", que foi enviado a Olavo Bilac, e despertou no também poeta Brasília Machado admiração e respeito. Foi inspirado no espetáculo descrito por Lagreca, em "O Salto", que Brasília Machado escreveu o poema que se tornou um dos símbolos de "Piracicaba", no qual fixou a imagem da "Noiva da Colina".

Era casado com Luiza Capellari Lagreca.

Ganhou menção honrosa na Academia Brasileira de Letras com o livro "Cidade do Amor", em 1922.

Foi um dos participantes da Semana de Arte Moderna de 1922, ao lado de Graça Aranha, Oswald e Mario de Andrade, Guilherme de Almeida e outros.

Publicou diversos livros e colaborou intensamente com os jornais "Diário da Manhã", "Diário de São Paulo", "A Manhã", "Jornal do Commercio", e as revistas "A Cigarra", "Vida Moderna" e outras publicações.

O jornalista Losso Neto escreveu:

"Francisco Lagreca pode ser chamado o poeta de Piracicaba por excelência. Ninguém foi mais fiel, nem mais constante, em seu arrebatado amor pela cidade natal. Ninguém lhe descreveu as belezas naturais com maior paixão. (...) tudo fala gritantemente de Piracicaba, imprimindo uma veracidade tão fiel, que se sente o poeta a terra em comovedora comunhão."

Faleceu em Piracicaba aos 23 de agosto de 1944.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO PAULO CELSO BASSETTI
Cadeira nº 39 - Patrono: José Luiz Guidotti

Aprendendo a Melhorar

Homenagem ao meu Patrono José Luiz Guidotti (in memoriam)

Especialmente neste momento eu gostaria de compartilhar com vocês uma carta pessoal sobre a atitude de promover em nossa vida a melhoria contínua. Nas entrelinhas eu deixo a vocês minha visão sobre como aprender a melhorar.

“Queridos amigos e amigas,

Desculpem-me se eu deixei transparecer em minha face a preocupação e o cansaço. Eu preciso melhorar.

Desculpem-me se em algum momento deixei transparecer arrogância, tristeza, sem alegria radiante. Eu preciso melhorar.

Desculpem-me se deixei transmitir-lhes uma imagem de um ser humano fechado, quando vocês precisavam de umas palavras amigas naquele momento. Eu ainda estou aprendendo.

Não tenho motivo para regredir da forma que sou.

Desculpem-me se eu falo e sorrio muito alto; se eu falo caipira; se é o meu jeito e não posso mudar. Eu estou aprendendo.

Sou feliz desse jeito, tenho vocês como amigos desse jeito, sou filho, pai e avô desse jeito. Obrigado por me aturarem assim, eu estou aprendendo.

Quero ser um eterno aprendiz.

Quero gostar, respeitar, amar, pois sou feliz assim.

Quero ser bondoso, caridoso, voluntário do bem.

Quero ser um eterno agente de mudança.

Desculpem-me se ainda não consegui, eu estou aprendendo.

Quero ser um profissional exemplar, **ÉTICO, FELIZ, ALEGRE, SEMPRE MOTIVADO.**

Desculpem-me, eu ainda estou aprendendo.

Sou saudável, adoro meus amigos, tenho motivação de sobra na minha profissão, mesmo depois de 52 anos trabalhando...

Desculpem-me por qualquer coisa que eu tenha cometido sem perceber, porque sei o quanto preciso melhorar. Mas ainda estou aprendendo no dia-a-dia, com cada um de vocês, crianças, jovens, adultos.

Serei mesmo um eterno APRENDIZ.”

Queridos leitores, espero que eu possa ter passado a vocês a partir deste singelo texto, um pouco da minha experiência pessoal, da minha simplicidade natural, e que vocês possam usá-la e aprimorá-la para melhor, em busca de uma organização e de uma sociedade cada vez mais justa e fraternal, **características estas do meu patrono José Luiz Guidotti.**

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIA-
COS DE ALMEIDA LEME**

Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

Helly de Campos Melges

Piracicabano,

Data do seu nascimento - 14 de dezembro de 1928, data de falecimento 03/agosto/1993

- acadêmico da Academia Piracicabana de Letras,
- Vice-presidente e Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba,
- lançou a Revista Nº1 desta conceituada instituição,
- grande Trovador, premiado várias vezes nesta modalidade,
- primeiro Delegado da Trova em Piracicaba pela UBT, a quem eu tenho a honra de ocupar o lugar,
- um advogado sempre atento ao cumprimento das leis,
- organizou a redação do 1º estatuto do CLIP (Centro Literário de Piracicaba),
- como Político, com P maiúsculo, exerceu mandato de Vereador e foi 1º secretário e Presidente da Câmara Municipal de Piracicaba,
- consagrado escritor e poeta,
- primeiro Príncipe dos Poetas de Piracicaba,
- na função de gestor ocupou o cargo de Presidente do Conselho Coordenador das Entidades Cívicas de Piracicaba.
- educador por natureza era sempre chamado de Mestre.
- como educador realizou profissionalmente como Professor de Artes e fez carreira. Dirigiu escolas sendo por longo tempo Diretor da Escola Estadual "Monsenhor Gerônimo Gallo" em Piracicaba e em seguida Supervisor de Ensino na Diretoria Regional de Ensino de Piracicaba. Atuou como Membro da Fiscalização do Regime de Dedicção Exclusiva.
- Religioso, leitor assíduo da Bíblia, evangelizador ecumêni-

co. Quando alguém lhe perguntava sobre sua religião ele respondia:
- “Sou Cristão e agora estou congregando na Igreja ...”

- Suas principais obras literárias em prosa e poesias:

“Na era Atômica”,

“O Soldado”,

“São Paulo”

“Ensaio sobre a poesia de Paulo Setubal” obra que lhe propiciou o “Prêmio Paulo Setubal em 1970”.

Série de livros “O Evangelho em Versos” sendo que os primeiros livros desta série são os maravilhosos “O Sermão da Montanha” e “Oração dos Jovens”.

- Escrevia com frequência para jornais e revistas.

- Também compôs músicas, suas canções mais conhecidas

são:

“Nada Restou” e Grande Oleiro”

- Recebeu várias homenagens como:

“Denominação do salão Nobre da Câmara Municipal de Piracicaba”,

“Incentivador do Esporte” – Piracicaba e Região,

as Medalhas “Thales Castanho de Andrade” e do “Mérito Prudente de Moraes”

Tenho grande orgulho em tê-lo como meu Patrono na Academia Piracicabana de Letras – cadeira Nº 7.

Em homenagem ao prof. Helly de Campos Melges

José de Alencar disse: “o cidadão é o poeta do direito e da justiça; o poeta é o cidadão do belo e da arte.” (se eu pudesse poria também o impactante junto a arte).

O prof. Helly de Campos Melges contempla os dois aspectos descritos por José de Alencar.

Ser poeta não é apenas escrever belos ou impactantes versos, ser poeta é ter a alma “poetal”, como diz Marcial Salaverry.

O prof. Helly de Campos Melges nunca se descuidou da forma, seus sonetos e suas trovas eram formas cuidadas, mas nunca

deixou que a forma comprometesse a espontaneidade de seus versos. Sua prosa também tinha poesia.

O que sempre admirei era sua forma de aproximar as pessoas de Deus, da poesia, da literatura e da arte em geral, para isso ele fazia uso de linguagem técnica simples, sem perder a profundidade das ideias.

Um dia, ele me pediu:

“–Não deixe morrer a trova em nossa Piracicaba.”

Tenho feito muito pouco, mas continuo a batalhar, ele queria que a trova ocupasse lugar de destaque, porém ... deixe para lá, pelo menos ela não morrerá.

–TROVA É OBRA DE ARTE, É LITERATURA

Desta forma, a seu pedido, pesquisei sobre trovas dos grandes poetas da língua portuguesa.

Trova é uma composição poética clássica de forma fixa, constante de quatro versos de sete sílabas poéticas, rigorosamente metrificadas e rimadas. Uma estrofe, qualquer que seja constante de quatro versos, chama-se quadra (= quarteto). A trova, portanto, é uma quadra, mas nem toda quadra é uma trova. Isso por que, uma quadra para ser trova deve atender as exigências de ter sentido completo e independente, e de possuir as rimas assim esquematizadas: ABAB; ABBA; AABB; e ABCB. A trova mais cultivada é a elaborada com o esquema de rimas ABAB.

Segundo o escritor Jorge Amado:

“Não pode haver criação literária mais popular e que mais fale diretamente ao coração do povo do que a Trova. É através dela que o povo toma contato com a poesia e por isto mesmo a Trova e o Trovador são imortais”

A Trova é uma forma poética milenar. É originária da Península Ibérica. Eis uma das Trovas de Camões, no esquema de rima “ABBA”:

*“Campos bem-aventurados
tornai-vos agora tristes,
que os dias em que me vistes
alegre, já são passados.”*

- Trova Lírica:

*”Saudade palavra doce
que traduz tanto amargor;
saudade é como se fosse
espinho cheirando a flor...”*

BASTOS TIGRE

- Trova Filosófica:

*“ Duas vidas todos temos,
muitas vezes sem saber:
-- a vida que nós vivemos,
e a que sonhamos viver...”*

LUIZ OTÁVIO

- Trova Humorística:

*“Eu, trabalhar desse jeito,
com a força que Deus me deu,
pra sustentar um sujeito
vagabundo que nem eu ???...”*

ORLANDO BRITO

De Castro Alves (romântico):

*“As nuvens ajoelhadas
nos claustros ermos e vãos
passam as contas doiradas
das estrelas pelas mãos!”*

De Olavo Bilac (parnasiano):

*“O amor que a teu lado levas
a que lugar te conduz,
que entras coberto de trevas
e saís coberto de luz?”*

De Alphonsus de Guimaraens (simbolista):

*“O cinamomo floresce
em frente do teu postigo...
Cada flor murcha que desce
morre de sonhar contigo!”*

De Fernando Pessoa:

*“Cantigas de portuguesas
São como barcos no mar -
Vão de uma alma para outra
Com riscos de naufragar.”*

Algumas trovas minhas:

*Irmanados pela trova,
Bem justa é nossa alegria,
Quando a vida se renova,
Na festa da poesia.*

*Envergonhada a trova,
Diante do rico soneto,
Mesmo com roupa bem nova,
Não foi com ele ao concerto.*

*Ao ver do soneto a emenda,
A trova alegre sorria.
Em seu vestido de renda,
Na festa da poesia.*

*A leveza do seu verso,
Fez-me voar até o céu,
E de lá eu lhe arremesso,
Estrelas com troféu.*

*A trova é bem popular,
Sempre do gosto do povo,
Mas nunca será vulgar,
Pois tem a essência do novo.*

*Poeta nasce poeta,
Depois ousa ser magia.
Poeta morre poeta,
Pra se tornar poesia.*

*Bipartiu-se , que emoção!
Forma antiga, forma nova .
Na concha do coração ,
Bela pérola era a trova.*

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira nº 11 - Patrono: Benedicto de Andrade

Benedicto de Andrade

No interior paulista, região essencialmente cafeeicultora, símbolo da agricultura escravagista, cidade de São José do Rio Pardo, em 10 de setembro de 1913, nasceu Benedicto de Andrade, filho de Cassiano Nogueira dos Santos e D. Elisa Benedita de Andrade. Posteriormente, filho adotivo e único do Cel. Luiz Thomaz de Andrade e de D. Luiza Maria Ribeiro de Andrade.

Desde os primeiros anos de vida, demonstrou alto pendor para os estudos, destacando-se ao cursar e diplomar-se no Grupo Escolar "Dr. Candido Rodrigues".

Sempre com indomável vontade de vencer e de ser útil à Pátria, matriculou-se e concluiu o Curso Complementar no Colégio São José, iniciando simultaneamente suas atividades jornalísticas na Gazeta do Rio Pardo.

Em sociedade com José Navarro, fundou o seminário "Zastraz" e colaborou na "Resenha", periódico rio pardense.

No Ginásio do Estado "Culto à Ciência", de Campinas, obteve com todos os méritos, o certificado do curso secundário.

Aos dezenove anos, prestou concurso na Delegacia de Ensino de Casa Branca, visando exercer o magistério particular e fundou o Instituto São Paulo, para ensinamentos de repetição de matéria e admissão ao ginásio.

Voltando a Campinas, cursou o pré-jurídico no Colégio "Cesário Motta", sendo que, para manter-se, trabalhou como revisor e redator no "Correio Popular".

Por dificuldades pessoais, retornou a São José do Rio Pardo e com o Prof. Célio Figueiredo Ferraz fundou a Escola de Comércio "Pedro II".

Em 1942, passou a ministrar francês no Ginásio Estadual "Euclides da Cunha", tendo também ministrado o espanhol. Já dominava com muita facilidade o português, o francês e o espanhol,

tendo conhecimento dos idiomas inglês, grego e russo.

Por concurso público, em 1949 efetivou-se na cátedra de Português no Colégio Estadual e Escola Normal de Lins, tendo sido também professor no Colégio Americano.

Por concurso de remoção, transferiu-se para o Instituto de Educação "Sud Mennucci", em Piracicaba. Nossa sociedade, em todos os níveis, foi altamente privilegiada com seu entusiasmo, sua oratória, sua vasta cultura e com a facilidade imensa de cativar os alunos, familiares e amigos.

Com o mesmo sucesso dos anteriores, em 1955 prestou concurso para a Cadeira de espanhol realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, tendo se preparado no Uruguai e na Argentina onde esteve por conta própria; entretanto, desistiu de sua escolha.

Admirador, adepto e praticante do teatro, sempre que possível o exercia com extrema naturalidade.

Em São José do Rio Pardo, foi um dos fundadores da Rádio Difusora; por algumas semanas, foi locutor da Rádio Tupi do Rio de Janeiro; entretanto, como filho único, não evitou a necessidade de voltar à terra de Euclides da Cunha, por motivos familiares. Teve oportunidade de ser o redator do jornal "O Dia" em São Paulo e orador oficial da União Negra Brasileira, a maior agremiação do gênero no Estado.

Em Piracicaba, além do Sud Mennucci, lecionou por três anos, na Escola de Comércio "Cristovão Colombo"; no plano político, foi candidato a Deputado Federal em 1958, tendo sido suplente. Foi vereador à Câmara Municipal de Piracicaba, de 1969 a 1972, tendo sido vice-presidente, cuja atuação foi merecedora de todos os elogios, pois os verdadeiros problemas e as mais complexas questões públicas constituíam sua constante preocupação. Incentivador da criação do Banco de Olhos, foi autor de expressivos pareceres nas comissões técnicas legislativas.

Do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, em 1962, recebeu a Medalha comemorativa "Imperatriz Leopoldina" e respectivo diploma.

Como professor, estimulou e orientou seus alunos a participarem de concursos e comemorações, muito especialmente na Maratona Euclidiana realizada anualmente em São José do Rio Pardo.

Foi casado com a Sra. Elmalia Silva de Andrade, pai de qua-

tro filhos: Luiza Maria, Neuza Maria, Alita Maria e Benedito de Andrade Junior.

Faleceu em 1976, tendo sido sepultado em São José do Rio Pardo.

Com autorização do autor, Antonio Messias Galdino, expressiva porcentagem das informações históricas do texto foram obtidas em artigo publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Ano III, nº 3, 1994, páginas 41 e 44.

Dr. Antonio Messias Galdino, cinquentenário amigo, colega de bancos ginasiais, teve, em meu entendimento, roteiro de vida semelhante ao Prof. Benedicto de Andrade, embora não tenha sido nômade como este; de origem humilde, com dedicação e dignidade, também foi revisor e redator de jornal, professor, político e advogado. Na política, por ocasião da morte do Prof. Benedicto de Andrade em 1976, ocupava Galdino o honroso cargo de Presidente da Câmara Municipal de Piracicaba.

Obriguei-me a honra de pleitear ao amigo Antonio Messias Galdino, de forma resumida, sua impressão sobre o notável Prof. Benedicto de Andrade. “Memórias de um grande Mestre”; há trinta e quatro anos falecia o Prof. Benedicto de Andrade, antigo mestre de Português do Instituto de Educação “Sud Mennucci”. Tivemos a feliz ventura de ter sido seu aluno por alguns anos. Foi um período da minha juventude de que jamais esquecerei. Não apenas lições específicas de Português, que transmitia com a facilidade de um gênio, mas pelas lições de vida que procurava incutir no espírito dos seus alunos. Por duas oportunidades, tive a sorte de representar o “Sud Mennucci” na Maratona Intelectual Euclidiana, que anualmente se realizava e ainda se realiza na cidade de São José do Rio Pardo. Nesses conchaves onde compareciam estudantes de várias cidades do interior, tomamos conhecimento da vida e obra do grande escritor Euclides da Cunha, um dos primeiros a desvendar o Brasil em toda sua realidade. O Prof. Benedicto marcou a nossa geração e conseguiu fazer-nos tomar gosto pela literatura. “Portanto, nestas poucas linhas, registro mais uma vez a minha admiração e saudade.”

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza
Vice-Presidente – Armando Alexandre dos Santos
Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme
Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme
Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano
Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto
Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Percin
Conselho Fiscal - Antonio Henrique Carvalho Cocenza
Elias Salum
Cezário de Campos Ferrari

GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder - Cadeira nº 13 - Patrono: Dario Brasil
André Bueno Oliveira - Cadeira nº 14 - Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs
Antonio Carlos Fusatto - Cadeira nº 6 - Patrono: Nélio Ferraz de Arruda
Antonio Carlos Neder - Cadeira nº 15 - Patrono: Archimedes Dutra
Antonio Henrique Carvalho Cocenza - Cadeira nº 4 - Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
Aracy Duarte Ferrari - Cadeira nº 16 - Patrono: José Mathias Bragion
Armando Alexandre dos Santos - Cadeira nº 10 - Patrono: Brasília Machado
Carla Ceres Oliveira Capeleti - Cadeira nº 17 - Patrona: Virgínia Prata Grigolin
Carlos Morais Júnior - Cadeira nº 18 - Patrona: Madalena Salatti de Almeida
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto - Cadeira nº 19 - Patrono: Ubirajara Malagueta Lara
Cássio Camilo Almeida de Negri - Cadeira nº 20 - Patrono: Benedicto Evangelista da Costa
Cezário de Campos Ferrari - Cadeira nº 12 - Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

- Elda Nympha Cobra Silveira - Cadeira nº 21 - Patrono: José Ferraz de Almeida Junior
- Elias Jorge - Cadeira nº 22 - Patrono: Erotides de Campos
- Elias Salum - Cadeira nº 5 - Patrono: Leandro Guerrini
- Evaldo Vicente - Cadeira nº 23 - Patrono: Leo Vaz
- Felisbino de Almeida Leme - Cadeira nº 8 - Patrono: Fortunato Losso Neto
- Francisco de Assis Ferraz de Mello - Cadeira nº 26 - Patrono: Nelson Camponês do Brasil
- Geraldo Victorino de França - Cadeira nº 27 - Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior
- Gregorio Marchiori Netto - Cadeira nº 28 - Patrono: Delphim Ferreira da Rocha Netto
- Gustavo Jacques Dias Alvim - Cadeira nº 29 - Patrona: Laudelina Cotrim de Castro
- Homero Anefalos - Cadeira nº 30 - Patrono: Jorge Anefalos
- Homero Conceição Moreira de Carvalho - Cadeira nº 31 - Patrono: Victório Ângelo Cobra
- †Hugo Pedro Carradore - Cadeira nº 32 - Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Ivana Maria França de Negri - Cadeira nº 33 - Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.) - Cadeira nº 1 - Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde - Cadeira nº 34 - Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif - Cadeira nº 35 - Patrono: Prudente José de Moraes
- Leda Coletti - Cadeira nº 36 - Patrona: Olívia Bianco
- Lino Vitti - Cadeira nº 37 - Patrono: Sebastião Ferraz
- Maria Emilia Leitão Medeiros Redi - Cadeira nº 38 - Patrono: Elias de Mello Ayres
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza - Cadeira nº 3 - Patrono: Luiz de Queiroz
- Marly Therezinha Germano Perecin - Cadeira nº 2 - Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani - Cadeira nº 9 - Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho - Cadeira nº 24 - Patrona: Maria Cecília Machado Bonachella

Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca

Paulo Celso Bassetti - Cadeira nº 39 - Patrono: José Luiz Guidotti

Pedro Caldari - Cadeira nº 40 - Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme - Cadeira nº 7 - Patrono: Helly de Campos Melges

Waldemar Romano - Cadeira nº 11 - Patrono: Benedicto de Andrade



Se você deseja publicar um livro e está preocupado com o investimento necessário, procure a Equilíbrio Editora. Ela tem uma solução que cabe no seu bolso: impressão sob demanda. Isto significa dizer que você pode solicitar o número de exemplares que quiser, inclusive baixas tiragens. Quando o seu estoque estiver acabando, basta fazer nova encomenda. A Editora está preparada para executar todas as fases do processo: editoração, edição, criação de capa, impressão e acabamento. A qualidade é excelente, o prazo de entrega curto e o pagamento, facilitado. E mais, a sua obra será divulgada no site da Editora.

Faça contato pelo telefone (19)3372-6000 ou pelo email: atendimento@equilibrioeditora.com.br. Ou então, vá até a loja na Rua Alferes José Caetano, 706, Piracicaba (SP).

Para mais informações, acesse: www.equilibrioeditora.com.br

Apoio:

Printfit[®]
S O L U Ç Õ E S

ISSN 2177-2797



9 772177 279008



EQUILIBRIO
editora

 **PIRACEMA**



VENTURA S/A